

**Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ Programa de  
Pós-Graduação em Preservação e Gestão do  
Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde**

**IZANI PAES SALDANHA**

**PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO:  
ESTUDO DE CASO GRUPO AFRO AGBARA DUDU**

**Rio de Janeiro  
2023**

**IZANI PAES SALDANHA**

**PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO: ESTUDO DE CASO GRUPO  
AFRO AGBARA DUDU**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Zamorano Bezerra

Rio de Janeiro  
2023

**IZANI PAES SALDANHA**

**PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO: ESTUDO DE  
CASO GRUPO AFRO AGBARA DUDU**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Rafael Zamorano Bezerra (Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz) – Orientador

---

Prof. Dr. Roberto Elian dos Santos (Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Aline Montenegro Magalhães (Universidade São Paulo)

Suplentes:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Luciana Heymann (Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Rio de Janeiro  
2023

S162p Saldanha, Izani Paes.  
Patrimônio cultural afro-brasileiro : estudo de caso grupo  
Afro Agbara Dudu / Izani Paes Saldanha. – Rio de Janeiro,  
2023.  
[102] f. : il. color.

Orientador: Rafael Zamorano Bezerra.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação e  
Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde) –  
Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz.  
Bibliografia: f. [90-96].

1. População Negra. 2. Liberdade de Religião.
3. Quilombolas. 4. Patrimônio Cultural. 5. Brasil.

CDD 363.69

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica  
da Rede de Bibliotecas da Fiocruz com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Responsável pela Ficha Catalográfica: Marise Terra - CRB-6-351

Ao Sagrado que habita em mim que me  
deu um bom Ori.

A minha ancestralidade que me protegeu até aqui.

A minha família, pelo apoio e paciência em todos  
os momentos.

A avó dos meus filhos Cecília Terezinha Ribeiro  
dos Santos (In memoriam) por todo apoio e incentivo.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Olorum (Deus), ao Sagrado que habita em mim e a minha ancestralidade que me permitiram chegar até aqui. Escrever uma dissertação em meio a uma Pandemia, com tamanha incerteza do que seria o amanhã, após inúmeras perdas (vidas) em decorrência da Pandemia e a proximidade da morte ao ter contraído o vírus 04 vezes, onde pouco se sabia sobre os riscos e as sequelas, transformaram esta atividade em um dos maiores desafios da minha vida.

Agradeço aos meus pais Antonio Costa Saldanha e Maria das Neves Paes por toda educação, suporte, apoio e incentivo, para que eu nunca desistisse dos meus sonhos.

Agradeço aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde, em especial à Professora Luciana Quillet Heymann, a Professora Alda Lúcia Heizer, o Professor Paulo Roberto Elian que incentivaram e contribuíram imensamente na concepção desta pesquisa.

Agradeço ao meu orientador Rafael Zamorano Bezerra, que me apoiou, teve uma paciência infinita, que me incentivou a continuar nos momentos mais difíceis, com sua gentileza, educação impecável, mostrou-me o quanto humano que és e grande exemplo a ser seguido. Sem você essa caminhada não seria possível, assim, minha eterna gratidão!

Agradeço a Ana Reis, Thamires, Christiane e Karoline Duarte, “meninas aquilombadas” da melhor turma de mestrado que poderia existir!

Agradeço ao meu marido Márcio Nunes que mesmo diante de muitos obstáculos, continuou segurando minhas mãos nessa caminhada.

Agradeço aos meus filhos Hannah Saldanha e Gabriel Saldanha, meu “adupé”! Vocês são minha fonte de energia e inspiração para cada projeto. Hannah, você é a menina mais forte e guerreira que conheço! Durante esses 02 anos, você se preocupou em preparar cada café, lanche, para que eu pudesse focar na pesquisa, me incentivou todos os dias, mesmo tendo a minha ausência enquanto mãe, te amo minha quase adulta de 12 anos! Gabriel obrigada por ser esse exemplo de ser humano e por cada

palavra de apoio!

Agradeço a avó dos meus filhos Cecília Terezinha Ribeiro dos Santos (in memoriam) que todas as vezes me incentivou a estudar, a seguir em frente. Por ser minha segunda mãe!

Agradeço a Magda Almada, minha irmã de fé, amiga, confidente, que acreditou no meu potencial, me incentivou para que eu participasse do processo de seleção e durante esses 02 anos, nunca me deixou esmorecer.

Agradeço a toda família Agbara Dudu, que abriram as portas para que eu pudesse conhecer esse universo maravilhoso.

Agradeço a equipe INCA, em especial meu coordenador Robson Dias, que apoiou e incentivou desde o início do curso.

Agradeço aos meus amigos Zetó (José Antonio do Nascimento) e Roberta Reis por cada momento de compreensão nos projetos que atuamos juntos, nos períodos de ausências, por cada palavra de incentivo para que eu seguisse e não desistisse no caminho.

Agradeço aos meus antigos zeladores espirituais, que cuidaram do meu ori e agradeço aos atuais por cuidarem não só do meu ori, mas de toda a minha família espiritual ao meu lado.

Agradeço aos meus “filhos de santo”, por sorrirem comigo, chorarem comigo, por não desistirem de estar ao meu lado e por me acompanharem nos projetos espirituais e da vida! Que minha mãe Oxum retribua infinitamente muito e sempre todo carinho que vocês me deram e dão!

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Olorum modupé! Motumbá!

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar (Nelson Mandela)



## **RESUMO**

A presente dissertação é uma análise do Grupo Afro Agbara Dudu, enquanto patrimônio cultural afro-brasileiro. O Grupo está localizado no bairro de Oswaldo Cruz, na cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa que originou este trabalho final ocorreu no período de 2021 a 2023. Utilizou-se como metodologia visitas à sede do Grupo e à comunidade do entorno, participação de eventos e coleta de depoimentos dos atores envolvidos, revisão bibliográfica e levantamentos de fontes de informação. A dissertação abarca como resultado uma proposta de plano de gestão estratégico, que arrola diretrizes para um melhor gerenciamento desse espaço, a partir de ressignificação de memórias, salvaguarda, preservação e divulgação do patrimônio cultural do Grupo Afro Agbara Dudu como parte integrante do patrimônio cultural afro-brasileiro.

Palavras-chave: Patrimônio cultural afro-brasileiro. Preservação de acervos. Grupo Afro Agbara Dudu.

## **ABSTRACT**

The present dissertation is an analysis of the Afro Agbara Dudu Group, as Afro-Brazilian cultural heritage. The Group is in the neighborhood of Oswaldo Cruz, city of Rio de Janeiro. The research that originated this final work took place from 2021 to 2023, through visits to the Group's headquarters and the surrounding community, participation in events and dialogues with the actors involved, bibliographic review and surveys of information sources were used as a methodology. This dissertation encompasses a proposal for a strategic management plan, which lists guidelines for better management of this space, based on the re-signification of memories, safeguarding, preservation and dissemination of the Afro Agbara Dudu Group cultural heritage as an integral part of the Afro-Brazilian cultural heritage.

**Keywords:** Afro-Brazilian cultural heritage. Preservation of collections. Grupo Afro Agbara Dudu.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 01 - Entrada da Sede do Grupo Afro Agbara Dudu .....	23
Figura 02 - Vera Maria Mendes - 1ª mulher presidente do Grupo .....	28
Figura 03 - Elias José Alfredo - Presidente do Grupo Afro Agbara Dudu 2022.....	28
Figura 04 - Localização respondentes ao questionário 2022 em relação a sede do Grupo Afro Agbara Dudu.....	35
Figura 05 - Localização geográfica Grupo Afro Agbara Dudu .....	40
Figura 06 - Localização geográfica do bairro de Oswaldo Cruz.....	41
Figura 07 - Fachada do bar e Movimento Cultural Samba do Buraco do Galo .....	44
Figura 08 - <i>Card</i> do evento Buraco do Galo 2022 .....	46
Figura 09 - Pagode do Trem .....	48
Figura 10 - Noite da Beleza Negra .....	51
Figura 11 - <i>Card</i> da Noite Beleza Negra 2022 .....	52
Figura 12 - <i>Card</i> FALP 2022 .....	55
Figura 13 - Debate FALP 2022 .....	56
Figura 14 - Edna Alfredo durante evento FALP 2022 .....	57
Figura 15 - Chuva atrapalha festa negra por morte de Zumbi .....	63
Figura 16 - Grupo Afro Agbara Dudu .....	74
Figura 17 - Instrumento musical .....	76
Figura 18 - Justiça por Moise Mugenyi - Manifesto Grupo Afro Agbara Dudu	

## QUADROS

Quadro 01 - Presidentes do Grupo Afro Agbara Dudu .....	27
Quadro 02 - Organograma Grupo Afro Agbara Dudu.....	30
Quadro 03 - Mapa mental Grupo Afro Agbara Dudu.....	37
Quadro 04 - Expressões de busca no catálogo FBN .....	62

## TABELAS

Tabela 01 - Categoria faixa etária .....	33
Tabela 02 - Categoria ocupação profissional.....	34
Tabela 03 - Categoria auto declaração.....	34
Tabela 04 - Categoria residência .....	36
Tabela 05 - Categoria comunicação .....	36
Tabela 06 - Acervo Grupo Afro Agbara Dudu - Cultne .....	64

## LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

CEAP - Centro de Articulação de Populações Marginalizadas

COVID19 – Coronavírus SARS-CoV-2

FALP - feira Afro Literária da Periferia

FBN - Fundação Biblioteca Nacional

FNB - Frente Negra Brasileira

FOFA, Força, Oportunidade, Fraqueza e Ameaças

Funarte - Fundação Nacional de Artes

GEPICAFRO - Grupo de Estudos, Patrimônio e Cultura Afro-Brasileira

GPESURER - Grupo de Pesquisa Educação Superior e Relação Ético-Raciais

ICOM - Conselho Internacional de Museus

IFMA - Instituto Federal do Maranhão

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

INEPAC - Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

IPCN – Instituto de Pesquisa das Culturas Negras

LEAFRO - Laboratório de Estudos Afro-Brasileiro e Indígenas

MCSBG - Movimento Cultural Samba do Buraco do Galo

MN - Movimento Negro

MNN - Movimento Mulheres Negras

MNU - Movimento Negro Unificado

MNUDCR - Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial

OPAA - Observatório das Políticas de Democratização de Acesso e Permanência na Educação Superior

SWOT - *Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats*

TEN- Teano Experimental Negro

UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UHC - União dos Homens de Cor

VHS - *Video Home System*

WEB - *World Wide Web*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO I - O GRUPO AFRO AGBARA DUDU.....</b>	<b>20</b>
1.1 – Nascimento do Grupo Afro Agbara Dudu .....	20
1.2 - Formação do Grupo Afro Agbara Dudu .....	25
1.3 - Traçando novas linhas na encruzilhada do Grupo Afro Agbara Dudu .....	32
<b>CAPÍTULO II – ATIVIDADES GRUPO AFRO AGBARA DUDU: PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO BRASILEIRO .....</b>	<b>39</b>
2.1 - Os lugares em torno o Grupo Afro Agbara Dudu .....	39
2.2 - Atividades político, educacional e cultural .....	43
2.2.1 Movimento Cultural Samba do Buraco do Galo .....	44
2.2.2 Pagode do Trem .....	47
2.2.3 Noite da Beleza Negra .....	48
2.2.4 Feira Afro Literária da Periferia (FALP) .....	53
2.3 Protagonismo feminino no movimento negro .....	56
2.4 Grupo Afro Agbara Dudu: acervo, memória e patrimônio.....	62
2.5 Registro Instituto Estadual do Patrimônio Cultural - INEPAC .....	70
<b>CAPÍTULO III – PROPOSTA DE UM PLANO ESTRATÉGICO VISANDO PRESERVAR O PATRIMÔNIO DO GRUPO AFRO AGBARA DUDU.....</b>	<b>72</b>
3.1 - Diagnóstico estratégico do Grupo Afro Agbara Dudu .....	72
3.1.1 Acervo físico .....	75

<b>3.2 - Proposta de plano estratégico de preservação do patrimônio do Grupo Afro Agbara Dudu .....</b>	<b>83</b>
3.2.1 <i>Programa Institucional .....</i>	83
3.2.2 <i>Programa Acervo e Documentação .....</i>	83
3.2.3 <i>Programa Inventário Participativo .....</i>	84
3.2.4 <i>Programa Educação patrimonial .....</i>	85
3.2.5 <i>Programa Acessibilidade, Comunicação e Pesquisa .....</i>	86
3.2.6 <i>Programa de Fomento .....</i>	86
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	
<b>ANEXOS</b>	



## INTRODUÇÃO

Me chamo Izani Paes Saldanha, nasci em 03 de fevereiro de 1980, em São João de Meriti, município do estado do Rio de Janeiro. Filha de Antônio Costa Saldanha, homem preto, pedreiro, criado no bairro de Austin, na cidade de São João de Meriti, RJ. Começou a trabalhar aos 05 anos de idade ajudando seus avós maternos no sítio que a família possuía e nos afazeres religiosos juntamente com seu avô Domingos Costa, dirigente espiritual de Umbanda. Após o falecimento de seu avô, tornou-se cristão, porém preservou e transmitiu os conhecimentos sobre o uso das plantas medicinais utilizadas no culto aos ancestrais aos seus descendentes.

Minha mãe, Maria das Neves Paes, mulher branca, nascida em Campos do Goytacazes, município do Estado do Rio de Janeiro, veio para a cidade do Rio de Janeiro aos 10 anos para trabalhar como doméstica. Antes, trabalhava desde os 05 na lavoura de cana-de-açúcar juntamente com seus pais na cidade de Campos de Goytacazes. Criada na religião católica, conheceu a Umbanda aos 17 anos no bairro de Maria da Graça, na cidade do Rio de Janeiro, após uma crise de convulsão. Ficou no culto Umbanda por alguns anos e depois se desligou, se tornando cristã, porém assim como meu pai, aprendeu a manipular as plantas para uso medicinal.

Durante 20 anos não tive religião, até que em 2001, após um problema de saúde do meu primeiro filho Gabriel Saldanha Ribeiro dos Santos, conheci a Umbanda.

Assim, como muitos brasileiros, no primeiro momento, tive muitos questionamentos sobre os rituais que pude presenciar, porém decidi adentrar e conhecer um pouco mais daquela cultura “diferente” do Culto da Umbanda. No mesmo ano, recebi minha camarinha de Umbanda, ritual que me dava “direito” a cuidar de outras pessoas.

Após o ritual, me afastei da religião, focando na vida profissional, onde já formada em Biblioteconomia, atuei em algumas empresas como gestora de centros de documentação, informação e pesquisa, bibliotecas e arquivos institucionais, privados e pessoais, processos de auditoria, capacitação de colaboradores, dentre outros.

Em 2010 conheci o zelador Alexandre Ty Oxossi, sacerdote do Candomblé Ketu, onde comecei a frequentar seu terreiro e em 2018 fui iniciada no culto afro-brasileiro, me tornando Fomotinha Ty Oxum.

Durante o meu período de recolhimento para a iniciação na religião de Candomblé Ketu, pude observar que grande parte dos adeptos desconhecem a existência de espaços que buscam preservar a memória dos cultos afro-brasileiro.

No decorrer dos anos, também pude observar que os adeptos dos cultos de matriz afro-brasileira, sofrem preconceitos pela sociedade, pela cor de sua pele e escolha religiosa. Outra constatação é que esses membros desconhecem a história do seu culto, sua ancestralidade africana e muitas vezes reproduzem dentro do espaço litúrgico falas racistas e preconceituosas que existem na sociedade.

Em decorrência deste fato, busquei por lugares que oferecessem cursos, oficinas, palestras onde eu pudesse atuar como voluntária, colaborando para conscientização e disseminação da cultura afro-brasileira e durante esse processo de busca, por intermédio de uma amiga conheci o Grupo Afro Agbara Dudu.

O Grupo Afro Agbara Dudu, está localizado no bairro de Oswaldo Cruz, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Seu nome tem origem na língua iorubá e significa “força negra”. Conhecido também como Quilombo Agbara Dudu, oferece diversos cursos, oficinas, aulas de dança, palestras e eventos, bem como, participa ativamente das atividades do Movimento Negro Unificado na luta contra o racismo, intolerância religiosa, homofobia, dentre outros.

O Grupo foi fundado no dia 04 de maio de 1982, com influência do movimento do Grupo Ilê Aiyê, Salvador, Bahia, se tornando o primeiro bloco afro da cidade do Rio de Janeiro.

Após algumas conversas com o presidente do Grupo Afro Agbara Dudu, sobre a importância das coleções que compõem o seu acervo, fui convidada a compor a Comissão de História e Patrimônio dos eventos que são realizados no decorrer do ano. Posteriormente, em decorrência do falecimento de alguns membros do Grupo e interrupção das atividades na sede em decorrência do ápice da Pandemia causada pelo Corona vírus SARS-CoV-2 (COVID-19), alteramos nosso objetivo inicial foi mapear, identificar e descrever as potencialidades estratégicas do Grupo Afro Agbara Dudu, sendo alterado posteriormente ao se observar algumas necessidades do Grupo.

O Grupo Afro Agbara Dudu com 40 anos de existência e resistência, não possui um plano de gestão sistematizado. Seu planejamento é feito de forma orgânica, conforme as demandas que surgem nas reuniões que ocorrem mensalmente. Com o

falecimento de alguns de seus membros, muitas informações se perderam, como por exemplo, histórico das gestões anteriores, datas de eventos, produção artísticas, etc.

Desta forma, como objetivo geral, elaboramos como produto desta proposição, um plano de gestão estratégico, que visa subsidiar a implementação de ações de preservação do patrimônio. Como objetivos específicos, elaboramos um diagnóstico baseado na metodologia *SWOT* e propomos programas de ações a partir do diagnóstico.

Para subsidiar essa proposição, utilizamos como metodologia revisão bibliográfica, pesquisa documental em fontes e aplicação de questionário e análise dos dados coletados.

O primeiro capítulo desta dissertação busca apresentar o Grupo Afro Agbara Dudu, por meio de sua trajetória histórica, evidenciando a importância do seu território como espaço de pertencimento, na cidade do Rio de Janeiro.

O segundo capítulo, descreve as atividades do Grupo Afro Agbara Dudu, os principais eventos anuais, sua contribuição com os movimentos sociais, o protagonismo da mulher preta, a importância do seu acervo físico e digital e seu registro pelo INEPAC do Bloco Afro Agbara Dudu como um dos blocos afro e de afoxés da cidade do Rio de Janeiro.

O terceiro e último capítulo, apresenta o diagnóstico global, elaborado com base na coleta e análise dos dados e sistematizado utilizando a metodologia *SWOT*, que é uma ferramenta utilizada no âmbito gerencial de instituições públicas e privadas. Com base no diagnóstico, propõe-se o plano de gestão como instrumento elaborado tendo como premissa a peculiaridade do Grupo e seu valor enquanto patrimônio cultural afro-brasileiro.

Em considerações finais, apresenta-se reflexões sintetizadas sobre a execução da pesquisa e possibilidades para a adoção deste produto pelo Grupo Afro Agbara Dudu.

## CAPÍTULO I – O GRUPO AFRO AGBARA DUDU

“Agbara Dudu é raça é devoção  
é o soco final na escravidão  
é o negro livre para viver  
é o culto afro de um passado  
é o orgulho de uma cor  
que sofre e mostra seu valor”  
(Júlio Mendes)

A proposta deste capítulo é apresentar o Grupo Afro Agbara Dudu, descrever sua trajetória histórica e sua estrutura organizacional.

### 1.1 Nascimento do Grupo Afro Agbara Dudu

A idealização do Grupo Afro Agbara Dudu surgiu nos anos 70, com inspiração no primeiro bloco afro do Brasil conhecido por Ilê Aiyê localizado em Salvador (BA).

Segundo Santos (2019) o bloco foi criado em 1974 nos fundos do terreiro de candomblé da yalorixá Hilda Jitolú, localizado no bairro da Liberdade na cidade de Salvador, BA, pelos seus filhos Antônio Carlos (Vovô), Hildete Lima, Vivaldo Benvindo, Hildelice Benta, e o amigo da família Apolônio de Jesus. O bloco foi criado com intuito de ser um espaço para os negros que na década de 70 não eram aceitos nos grandes blocos de carnaval na Bahia, tais como o Bloco do Barão onde os integrantes eram brancos e o Bloco do Índio cujos seus integrantes eram negros e pobres e que se vestiam como índios americanos, não aceitando a inserção do ritmo musical ligado ao Candomblé e cultura africana no carnaval em Salvador <sup>1</sup>. Em decorrência desse fato, Vovô fundou o Bloco Ilê Aiyê.

A partir da criação do bloco, inicia-se um movimento de ressignificação da tradição afro-brasileira, em consonância com a religiosidade de matriz africana onde as

---

<sup>1</sup> De acordo com GOMÉZ VERGARA (2017) nos anos 70 em decorrência do “fenômeno das Escolas de Samba”, houve uma valorização e encarecimento do Carnaval, onde as instituições baianas não tinham recursos para participar. Desta forma, criaram os “Blocos dos Índios” que faziam uma alusão ao índio norte-americano. Sua musicalidade era realizada com instrumentos como surdo, chocalhos, reco-recos, enaltecendo a cultura norte-americana.

mulheres exercem grande influência por meio aspecto da liderança - como ocorreu nos primeiros Candomblé da Bahia, a saber Engenho Velho, Gantois e Ilê Axé Ôpô Afonjá -, na cultura por meio da confecção de roupas inspiradas nas cores e modelos usados na África, bem como, nas artes como a literatura e a música transmitida pela oralidade de geração para geração (SANTOS, 2019).

O Bloco Ilê Aiyê possui atividades político-culturais, que abordam reflexões sobre a invisibilidade do negro, a luta antirracista, valorização da sua ancestralidade e da beleza negra, reparação da escravidão.

O Ilê Aiyê surge para modificar os conceitos enraizados dentro dos próprios negros que os levam para a desvalorização de suas origens, diminuindo ou escondendo estas. Para tanto, entra no jogo do simbólico, alterando os valores atribuídos às imagens, que são responsáveis por classificações e exclusões sociais ao longo da nossa história. Rompendo com o senso comum, reelaboram conceitos, ressignificam conflitos e se ampliam, produzindo mudanças nas estruturas históricas e nas conjunturas das realidades cotidianas. As mudanças se dão através de negociações políticas e enfrentamentos constantes entre o simbólico e o social. Se sair com turbantes, torços, penteados, roupas cheias de estampas e adereços coloridos causou impacto no ambiente que historicamente é de inversão da ordem, seguir com essas características fora do carnaval foi ainda mais difícil, mas fundamental no processo de construção de identidades (SANTOS, 2019, p. 43)

Os blocos afros e afoxés predominantemente formados por pessoas negras, perceberam que cada vez mais o Carnaval no Rio de Janeiro passava por um branqueamento decorrente do comércio da cultura do samba<sup>2</sup>.

Assim, nesse período na cidade do Rio de Janeiro, concomitantemente ao movimento que ocorria em Salvador, os blocos afro e de afoxés, passaram a incorporar em seus repertórios músicas e ritmos inspirados na religião afro-brasileira e em outros blocos da Bahia como o Bloco Ilê Aiyê<sup>3</sup>.

Vovô do Bloco Ilê Aiyê, em 1978 conheceu Vera Mendes (Vera do Agbara), durante uma das visitas que ela fez a Salvador em seu período de férias trabalhista<sup>4</sup>,

---

<sup>2</sup> Depoimento feito à autora por Hélio de Assis em 2023. Hélio de Assis é carioca, um dos pioneiros a fundação do Grupo Afro Agbara Dudu, é seu primeiro produtor cultural a partir de 1983, diretor cultural do grupos Filhos de Gandhi e Granes Quilombo, teatrólogo, argumentista, poeta, militante na luta contra o racismo e a discriminação, diretor sociocultural do Grupo Afro Agbara Dudu, membro do grupo “Negrícia Poesia e Arte de Crioulo”. Fundou e presidiu a CAIS - Cooperativa dos Artistas Independentes dos Subúrbios, em 1979, participou da implantação de Ciep’s na qualidade de coordenador de animação cultural (1987).

<sup>3</sup> Depoimento feito à autora por Hélio de Assis em 2023.

<sup>4</sup> Depoimento feito à autora por Hélio de Assis em 2023.

onde ele colaborou e inspirou a criação do Grupo Afro Agbara Dudu<sup>5</sup>, no bairro de Oswaldo Cruz, que faz divisa com o bairro de Madureira, na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Vovô anos mais tarde torna-se padrinho de casamento de Vera Mendes, estreitando ainda mais os laços políticos-culturais, além do intercâmbio Rio x Bahia.

Vera Maria Mendes era mulher, negra, nascida no Morro do Santa Marta na cidade do Rio de Janeiro, charmeira, casada, mãe de duas filhas, contadora ex-funcionária do BNDES, sócia do IPCN (Instituto de Pesquisa das Culturas Negras)<sup>6</sup>, educadora, ativista na luta antirracista, “integrante do Movimento de Negro e do Movimento Mulheres Negras (MMN), além de ter sido pioneira no Rio de Janeiro ao construir uma outra vertente do movimento negro: o movimento cultural Bloco Afro em Madureira” (MIRANDA, 2020, p. 19) e cofundadora do Grupo Afro Agbara Dudu.

De acordo com Hélio de Assis<sup>7</sup>, Vera Mendes possuía personalidade forte, rígida, centrada em seus objetivos. Muito atuante nos movimentos político-sociais, transitava nos eventos políticos, onde participava de forma ativa, sem o intuito de se candidatar a nenhum cargo político, mesmo havendo durante um período, forte apelo por parte da comunidade do bairro de Oswaldo Cruz e adjacências para que se candidatasse, tendo muitas vezes como companhia nesses eventos a amiga Benedita da Silva.

Criou e coordenou projetos educacionais para jovens da região e outros bairros, realizou ações políticas, inúmeros eventos voltados para disseminação da cultura africana e afro-brasileira<sup>8</sup>.

O Grupo Afro Agbara Dudu foi idealizado por muitas mãos, que apoiaram a inspiração de Vera Mendes, como Wanda Araújo (Yá Wanda D’ Omulu), que segundo Miranda (2020, p. 19) é

Yalorixá, mulher, negra, ativista na luta antirracista, educadora e jornalista, trabalhou desde os anos 1980 em escolas comunitárias e grupos afros culturais. Coordenou e colaborou em diversos projetos educacionais para crianças e adolescentes em situação de rua. Desde de 2000 coordena o centro cultural de tradições afro-brasileiras Ylê Asé Egi Omim, que permaneceu até 2018 em Ilha de Guaratiba, zona oeste do rio de janeiro. E desde 2019, está sediado em Santa Tereza, no centro da cidade. (MIRANDA, 2020, p. 19)

---

<sup>5</sup> Depoimento feito à autora pelo presidente do Grupo Afro Agbara Dudu, Elias José Alfredo em 2021, durante visita da autora ao Grupo.

<sup>6</sup> Depoimento feito à autora por Hélio de Assis em 2023.

<sup>7</sup> Depoimento feito à autora por Hélio de Assis em 2023.

<sup>8</sup> Depoimento feito por Elias Alfredo à autora na sede do Grupo Afro Agbara Dudu em 2021.

Edna Maria de Oliveira Alfredo (Edinha), mulher negra, ativista na luta antirracista, membro do Movimento Negro Unificado, ex-diretora financeira, diretora administrativa, cantora e dançarina do corpo de dança do Grupo Afro Agbara Dudu<sup>9</sup> participa ativamente até os dias atuais, sendo uma grande referência dentro do Grupo Afro Agbara Dudu. Juntamente com outras pessoas, Vera Mendes percebeu o potencial da Grande Madureira (RJ) como espaço político-cultural. Com sua expertise e olhar visionário, iniciou as atividades surgindo assim o Grupo Afro Agbara Dudu.

**Figura 01:** Entrada da Sede do Grupo Afro Agbara Dudu



**Fonte:** Arquivo pessoal autora

O nome Agbara Dudu tem origem na língua yorubá e significa “força negra”, sua bandeira é nas cores amarela, vermelha, preta e verde, as mesmas cores da bandeira da unidade africana<sup>10</sup>. Objetivando a valorização e a africanização da comunidade, o Grupo Afro Agbara Dudu, surge como uma vertente cultural e política, com forte participação de alguns membros no Movimento Negro Unificado (MNU) que iremos discorrer no próximo capítulo.

<sup>9</sup> Depoimento feito por Elias Alfredo à autora na sede do Grupo Afro Agbara Dudu em 2021.

<sup>10</sup> Depoimento feito por Elias Alfredo à autora na sede do Grupo Afro Agbara Dudu em 2021.

Por conta da proximidade do Grupo com as escolas de samba Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela e Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano localizados também na Grande Madureira, nos anos 80, a antiga sede da Portela, conhecida por Portelinha, que se encontrava desativada, foi cedida ao Grupo Afro Agbara Dudu para suas atividades.

Inicialmente as atividades consistiam em realização de samba de ilê, aquele feito nos terreiros de candomblé e samba carioca conhecido como roda de samba. Posteriormente começaram os almoços com a participação de artistas musicais, além do evento “Bate Papo com o Negão”, encontro que se debatia a questão estética negra, como a mulher negra se via, principalmente em relação ao cabelo, onde muitas alisavam para sair do estereótipo negro<sup>11</sup>.

No final do século XX, a Portela solicita de volta o espaço Portelinha e as atividades realizadas pelo Grupo são interrompidas temporariamente. Posteriormente, surge um terreno localizado na Estrada do Portela, 391 onde atualmente encontra-se a 29ª Delegacia Policial do bairro de Oswaldo Cruz, onde as atividades junto ao público eram realizadas até aproximadamente no início dos anos 2000.<sup>12</sup>

Segundo Hélio de Assis, “No início não havia uma sede institucionalizada, nem um organograma do grupo com funções definidas, todos eram membros e a sede era a residência de Vera”.

Após o falecimento de Vera Mendes em 2011, o grupo ainda se encontrava sem sede, conseguindo anos mais tarde alugar a casa localizada na Rua Sérgio de Oliveira, 4, próxima a Praça Paulo da Portela em Oswaldo Cruz, onde se tornou a sede atual.

Atualmente, o Grupo Afro Agbara Dudu é uma organização cultural do Movimento Negro na cidade, sem fins lucrativo que promove e compartilha assuntos relacionados à tradição, cultura afro-brasileira, cultura africana, tradição da cultura do samba, promove eventos, encontros e debates sobre o papel do negro na sociedade e o resgate da africanidade para toda a comunidade, tendo como “objetivo valorizar, enaltecer e propagar a cultura Afro-brasileira, a partir da música, danças, vestimentas, comidas, encontros de trocas e principalmente da coletividade”<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> Depoimento feito à autora por Hélio de Assis em 2023.

<sup>12</sup> Depoimento feito à autora por Hélio de Assis em 2023.

<sup>13</sup> Depoimento feito à autora por José Elias Alfredo em 2021.



## 1.2 Formação do Grupo Afro Agbara Dudu

Durante o processo de levantamentos de fontes foram localizadas as produções acadêmicas de Elielma Ayres Machado (1992), Monica Miranda (2020) e Tulane Paixão (2022) onde o Grupo Afro Agbara Dudu é objeto de estudo em seus diferentes aspectos.

Elielma Machado, militante, professora, pesquisadora do Grupo Afro Agbara Dudu nos anos 90, discutiu em seu trabalho de conclusão de curso intitulado “Mulheres e negritude: uma análise do bloco Afro Agbara Dudu”, discute a categoria negro a partir da especificidade do Grupo Afro Agbara Dudu, destacando o papel das mulheres na luta contra o racismo, por meio das atividades realizadas pelo Grupo.

Monica Miranda, militante e membro atual do Grupo Afro Agbara Dudu, aborda em sua dissertação intitulada “Uma análise das noções e das práticas interseccionadas no movimento de mulheres negras afro carioca”, a interseccionalidade por meio dos atores sociais Maria Alice dos Santos, Vanda Ferreira e Adélia Azevedo, também mulheres militantes, nos anos 80, atuavam na luta contra ao racismo. Destaca a importância do Movimento Negro de Mulheres e a contribuição de Vera Mendes.

Maria Alice dos Santos era alguém com quem, naquele momento, eu não tinha intimidade, mas a conhecia do Movimento Negro de Mulheres. Já Vanda Ferreira é minha prima. Me pego observando elas conversando sobre o que as mulheres do movimento feminista dominante tinham em pauta. Ressaltaram que as mulheres negras nos anos 80 ainda estavam tentando debater o lugar da mulher negra no trabalho doméstico remunerado e tinham uma preocupação com quem deixar os filhos para poder trabalhar, enquanto as feministas estavam reclamando dos salários mais baixos que elas recebiam em relação aos salários dos homens brancos para fazer as mesmas funções (MIRANDA, 2020, p. 21)

Miranda (2020) discorre ainda em sua dissertação, que existem poucos trabalhos que dão visibilidades às mulheres militantes do Movimentos de Mulheres Negras, assim, ela busca fazer o registro das lembranças para construção dessa memória.

Quando Maria Alice dos Santos parou de falar, Vanda Ferreira começa a lembrar a sua história com Vera Mendes: Um dos momentos mais privilegiado que tive coordenando Zumbi dos Palmares foi o apoio integral do movimento negro, aliás eu tido na minha vida profissional o apoio integral do movimento negro, se não for assim talvez eu nem estaria falando, porque até ameaçada de morte eu fui, quando eu estava trabalhando no presídio mais o movimento negro, principalmente o grupo afro Agbara Dudu, Lemi Ayo e Alafin Aye, forma assim os blocos afro que integraram e foram as unidades prisionais, apresentar esse trabalho levou para os nossos companheiros todos na sua maioria negro o que era o refazer, recomeçar dessa estrutura do batuque do tambor e o significado do

bloco afro, aliás vários momentos eles encontraram pessoas que estavam conosco e o Agbara Dudu foi o bloco mais presente em todos os momentos indo ao Talavera Bruce na Frei Caneca, na penitenciária Lemos de Brito e dizer com orgulho da participação desses blocos afros e de Maria Alice dos Santos ajudando o interno José Carlos Brasileiro Nascimento e Silva que colocou uma grande proposta na minha mão, criar uma entidade de movimento negro dentro da cadeia, a primeira do Brasil e a segunda do mundo, porque a primeira foi criada nos 60 por Malcom X em Nova York nos Estados Unidos, os meus agradecimentos a grandiosa Vera Mendes do Agbara Dudu e todos que já partiram que lá estão torcendo por essa geração, por essa juventude que está dando continuidade não permitindo que nós possamos achar que morremos na praia, nós não morremos na praia, todos os descendentes desta história estão levando com muita galhardia e muita sabedoria (MIRANDA, 2020, p. 23).

Tulane Oliveira da Paixão (2022), em sua dissertação “A comunidade como elo restaurador dos efeitos do racismo”, analisa o Grupo Afro Agbara Dudu a partir do mapeamento das relações comunitárias. A autora analisa participação da mulher negra contra o racismo por meio de sua experiência, sendo uma mulher jovem negra no bairro de Oswaldo Cruz, membro do Grupo Afro Agbara Dudu, trazendo a discussão sobre o racismo, o papel da mulher, a luta contra a invisibilidade dentro desse território sob o olhar da psicologia.

Além dessas dissertações cujo campo empírico das pesquisas é o Grupo Afro Agbara Dudu, as produções de Arbache (2006), Viana (2006), Costa (2015), Gomes (2018), Carneiro (2019), Silva (2020), Santos (2022) colocam em evidência a importância do Grupo Afro Agbara Dudu como espaço de ressignificação de memórias, lutas contra o racismo e sua contribuição para o patrimônio cultural brasileiro.

Percebe-se nas publicações, que o Grupo Afro Agbara Dudu é conhecido por Quilombo Urbano Agbara Dudu, Grupo Afro Cultural Agbara Dudu, e Grupo Afro Agbara Dudu. De acordo com Elias José Alfredo, homem negro, metroviário, presidente do sindicato dos metroviários, militante, músico, membro da direção estadual do Movimento Negro Unificado na cidade do Rio de Janeiro, atual presidente do Grupo Afro Agbara Dudu, ex-diretor cultural do Grupo Afro Agbara Dudu, membro do Quilombo raça e classe e do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), o nome oficial é Grupo Afro Agbara Dudu, mas encontra-se em análise a possibilidade de alteração para Grupo Afro Cultural Agbara Dudu pelo caráter amplo do Grupo<sup>14</sup>.

As informações obtidas nas fontes contribuíram para a construção de uma linha do tempo da gestão do Grupo compreendida entre 1982 a 2022, juntamente com

---

<sup>14</sup> Depoimento feito por Elias José Alfredo à autora em 2021.

informações dadas por Hélio de Assis em depoimento feito à autora no decorrer desta pesquisa.

**Quadro 1** - Presidentes do Grupo Afro Agbara Dudu



**Fonte:** Elaborado pela autora. Dados obtidos por meio de depoimento à autora feito Elias Alfredo em 2021 e Hélio de Assis na sede do Grupo Afro Agbara Dudu.

**Figura 02:** Vera Maria Mendes - 1ª mulher presidente do grupo



**Fonte:** Facebook do grupo. Disponível em:  
<https://www.Facebook.com/grupoafroagbaradudu/photos/a.1563925413864867/2140780952845974/>. Acesso em: 18 dez. 2022.

**Figura 03:** Elias José Alfredo - presidente do Grupo Afro Agbara Duda 2022



**Fonte:** Acervo pessoal da autora

O processo de gestão, de acordo com Hélio de Assis, até o início da gestão do atual presidente Elias José Alfredo, era “proforma”. Os membros não tinham funções pré-definidas e todos atuavam em várias frentes conforme a necessidade. Com o início da gestão de Elias, as atividades por membro começaram a ser definidas<sup>15</sup>.

O Grupo possui como característica basilar a estrutura familiar, onde os membros levam seus filhos, netos, sobrinhos para os eventos e encontros que são realizados pelo grupo em sua sede. Os mais novos aprendem por meio da oralidade, das lembranças que são contadas desde cedo sobre a importância da preservação da cultura africana e afro-brasileira.

Nesse sentido, Honorato (2020) afirma que a “recuperação da autoestima, da autoestima, da história e do legado, africano e afro diaspórico perpassa pela reconstrução da memória, da agência dos povos africanos e dos negros em diáspora, do resgate da história apagada e não valorizada pela história branca eurocêntrica” (HONORATO, 2020, p. 70)

Percebe-se que o Grupo Afro Agbara Dudu segue os moldes das religiões afro-brasileiras, onde a oralidade tem papel fundamental. As memórias são ressignificadas através da mitologia dos deuses do culto aos ancestrais africanos, que são transmitidos aos membros.

Capone (2004) salienta que “quem possui uma tradição possui um passado, uma continuidade histórica que o metamorfoseia em sujeito de sua própria história: afirmar sua tradicionalidade equivale a se distinguir dos outros, aqueles que não têm mais identidade definida.” (CAPONE, 2004, p.256).

Assim como no Candomblé, em que a tradição do culto é passada pela memória individual e coletiva dos fiéis, sendo recriada constantemente, os saberes do Grupo Afro Agbara Dudu, são criados e recriados pela tradição oral. Desta forma, essa tradição é um “meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições chave, isto é, a tradição oral. (VANSINA, 1982, p.157).

Segundo Honorato (2020, p.68), a ressignificação da memória coletiva da população negra, é considerado uma forma de combate ao racismo, onde se recupera a autoestima e contribui com o sentimento de pertencimento.

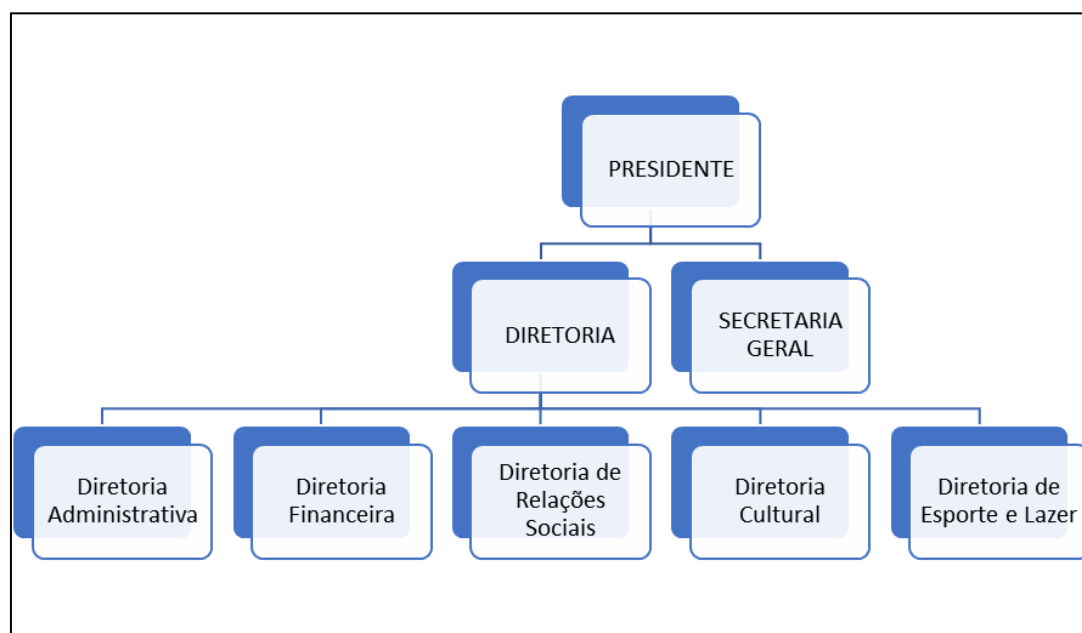
---

<sup>15</sup> Depoimento feito por Hélio de Assis à autora em 2023.

Com base na estrutura familiar marcada pela influência da estrutura de organização das roças de Candomblé, o Grupo organizou suas atividades de acordo com as áreas de atuação.

Desse modo, seu quadro até o ano de 2022 era formado por Presidente, Diretoria Administrativa, Diretoria Financeira, Diretoria de Relações Sociais, Diretoria Cultural, Diretoria de Esporte e Lazer e Secretaria Geral<sup>16</sup>.

**Quadro 2** - Organograma Grupo Afro Agbara Dudu



**Fonte:** Elaborado pela autora. Dados obtidos em 2021.

Como o foco do grupo está voltado para a militância contra o racismo, por meio de eventos político-culturais, o planejamento das atividades é feito de forma domiciliar e orgânica. Sua gestão não é focada em documentos como registros formais, relatórios estatísticos, plano de gestão, controle de recursos, procedimentos, cartilhas, dentre outros, mas na execução das atividades propostas. A gestão é definida e redefinida conforme a necessidade, nas reuniões que ocorrem mensalmente do Grupo e executadas com as demandas que surgem.

Durante a observação participativa da autora desta pesquisa nos eventos realizados pelo grupo, observou-se que o grupo é formado por um número considerado de professores e artistas que são referências na literatura, artes, dança e música.

<sup>16</sup> Depoimento do presidente Elias José Alfredo feito à autora em 2021.

Não se pretende fazer uma relação exaustiva dos atores desse território, mas fazer um recorte a partir da participação da autora no grupo de rede social da Comissão de História e Patrimônio do Grupo Afro Agbara Dudu, responsável por contribuir com pesquisas e temas para discussão sobre patrimônio e cultura afro-brasileira. Dentro desse grupo, destacam-se alguns importantes nomes, como Otair Fernandes de Oliveira, Helena Theodoro Lopes, Éle Semog, Lia Vieira, Júlio Condaque e Elisabete Nascimento, Luiz Espírito Santo pela contribuição e desdobramento das ações para o grupo.

Otair Fernandes de Oliveira, homem negro, professor universitário alocado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), militante, membro da Comissão de História e Patrimônio do Grupo Afro Agbara Dudu, Coordenador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiro e Indígenas (LEAFRO-UFRRJ). Líder do Grupo de Estudos Patrimônio e Cultura Afro-Brasileira – GEPICAfro (CNPq), membro do Grupo de Pesquisa Educação Superior e Relação Étnico-Raciais (GPESURER) e vice coordenador do Observatório das Políticas de Democratização de Acesso e Permanência na Educação Superior da UFRRJ (OPAA) e cultura afro-brasileira<sup>17</sup>.

Helena Theodoro Lopes, mulher negra, salgueirense, professora universitária, escritora, pesquisadora, militante, membro da Comissão de História e Patrimônio do Grupo Afro Agbara Dudu conselheira do FUNDO ELAS que é um fundo brasileiro de investimento social voltado exclusivamente para a promoção do protagonismo das mulheres. Helena Theodoro é uma importante referência na pesquisa sobre cultura negra, carnaval, samba e arte, experiências religiosas africanas e afro-brasileiras e relações raciais<sup>18</sup>.

Éle Semog, carioca, homem negro, escritor, poeta, militante, membro do Grupo Afro Agbara Dudu, contista, mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Participou dos grupos “Garra Suburbana” e “Bate-Boca”, voltados para o estudo e a produção da poesia afrodescendente, fundador do grupo Negrícia – Poesia e Arte de Criolo. Entre 1989 e 1996, foi presidente do CEAP – Centro de Articulação de Populações Marginalizadas. Foi cofundador do jornal Maioria Falante, onde atuou até 1991<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://opaas.ufrj.br/otair-fernandes-de-oliveira/>

<sup>18</sup> Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1423-helena-theodoro>

<sup>19</sup> Disponível em: <https://acervo.cultne.tv/cultura/literatura/238/poeta-ele-semog>.

Lia Vieira, mulher negra, escritora, militante, membro do Grupo Afro Agbara Dudu, pesquisadora, artista plástica, conferencista e membro do Instituto de Mulheres Afro Latino-Americanas e Caribenhas.<sup>20</sup>

Júlio Condaque, homem mestiço, escritor, militante do Quilombo Raça & Classe, membro do Grupo Afro Agbara Dudu, historiador, professor<sup>21</sup>.

Elisabete Nascimento, mulher negra, escritora, doutora em Ciência da Literatura, militante, membro do Grupo Afro Agbara Dudu.

Luiz Espirito Santo, homem branco, escritor, docente em História, membro do Grupo Afro Agbara Dudu.

O Grupo Afro Agbara Dudu, além das atividades de militância, oferece em sua sede cursos e oficinas de percussão aos jovens da comunidade, oferecendo também refeições ou lanches para os seus alunos. Alguns membros das oficinas, muitas vezes, se tornam membros da Banda Agbara Dudu<sup>22</sup>.

A cultura, saberes, tradição do grupo, é passado de geração para geração por meio das atividades realizadas, em grande parte, através da oralidade. O Grupo Afro Agbara Dudu possui em seu quadro organizacional vários membros familiares atuantes na militância e atividades desenvolvidas pelo grupo. Assim, esse patrimônio cultural é recriado, ressignificado constantemente pelo grupo em decorrência do meio. Tal interação, do tempo, espaço, natureza promove a diversidade cultural e humana (CONCEITOS-CHAVE, 2013, p. 75).

### **1.3 Traçando novas linhas na encruzilhada do Grupo Afro Agbara Dudu**

Foi realizado no decorrer desta pesquisa, coleta de depoimentos com integrantes do Grupo Afro Agbara Dudu, pesquisa de campo em eventos, reuniões, observações e registros feitos pela pesquisadora e uma pesquisa por meio de questionário semiaberto criado no *google forms* como citado anteriormente (ANEXO 01) com os alguns frequentadores e membros no Grupo Afro Agbara Dudu.

---

<sup>20</sup> Disponível em: <http://www.mulheresdeluta.com.br/lia-vieira/>

<sup>21</sup> Disponível em:

<https://www.pressenza.com/pt-pt/2020/11/julio-condaque-as-bases-do-movimento-de-libertacao-do-povo-negro-brasil-eiro-devem-ser-construidas-entre-os-mais-pobres/>

<sup>22</sup> Depoimento feito à autora por Elias José Alfredo em 2021.



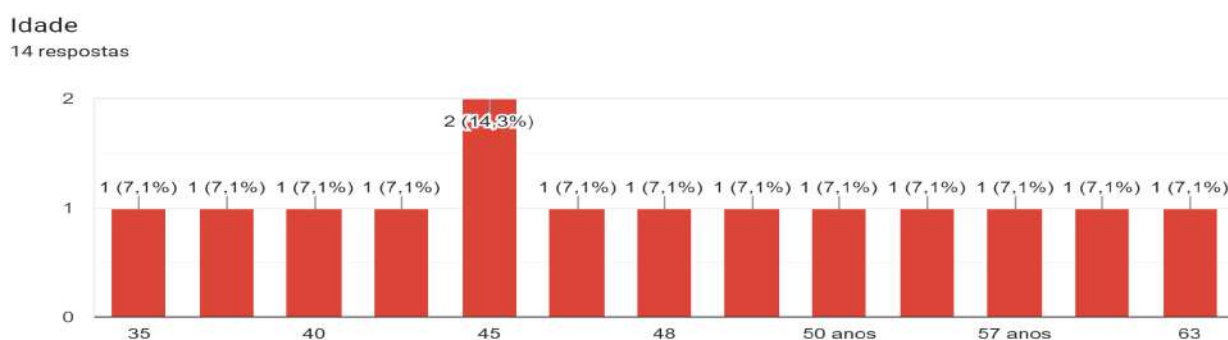
A aplicação do questionário levou em consideração a busca por diferentes visões, memórias e narrativas, das atividades realizadas pelo Grupo.

A pesquisa foi realizada através do questionário e divulgada na rede *Facebook* do Grupo Afro Agbara Dudu, aspirando não só a visão dos membros do grupo, mas também identificar como o grupo é visto pela comunidade externa.

O questionário também teve como objetivo identificar o perfil da comunidade que o grupo atende, as principais atividades conhecidas pelo público, a acessibilidade e a divulgação das atividades oferecidas pelo Grupo Afro Agbara Dudu em sua sede e em seus canais de comunicação.

A pesquisa contou com 14 respondentes voluntários, com idades entre 35 a 63 anos, sendo que 14,3% possuem 45 anos (Tabela 01).

**Tabela 01** - Categoria faixa etária



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2022.

Dos respondentes, 57,01% são do sexo feminino, 42,9 % não possuem filhos, 57,1% se autodeclaram cor ou raça preta, 35,7% possuem curso superior completo e 35,7 % mestrado ou doutorado completo, na grande maioria são servidores públicos, 16,7% residem na parte central da cidade do Rio de Janeiro.

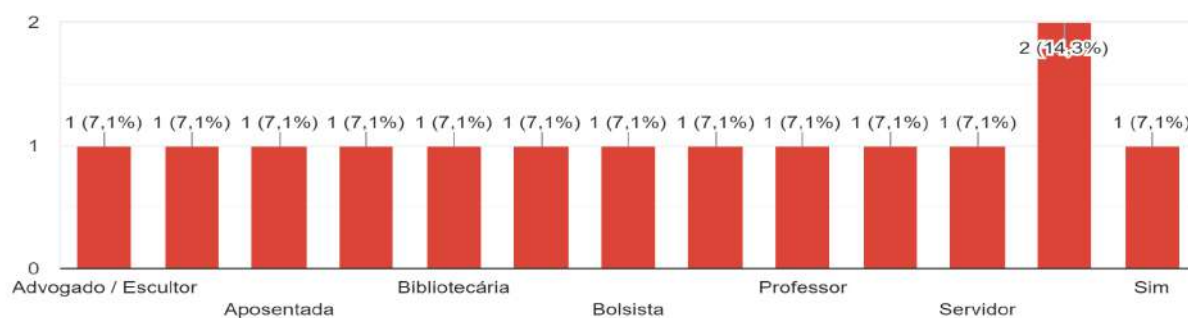
Percebe-se a predominância de mulheres negras, sem filhos, com curso superior, pós-graduadas, que moram relativamente próximo à sede do Grupo Afro Agbara Dudu e com possibilidades de participação em eventos político-culturais.

Na Tabela 02 a seguir, observa-se que a maior parte dos respondentes são servidores públicos, com atuação em carreiras que exigem ensino superior, como pode ser visto abaixo:

**Tabela 02** - Categoria ocupação profissional

Ocupação profissional

14 respostas



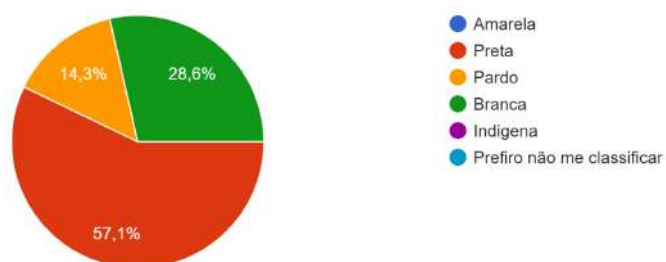
**Fonte:** Dados da pesquisa, 2022.

Ainda sobre o perfil dos respondentes, observa-se predominância de pessoas que se auto classificam como pretas.

**Tabela 03** - Categoria autodeclaração

Qual a sua cor ou raça?

14 respostas

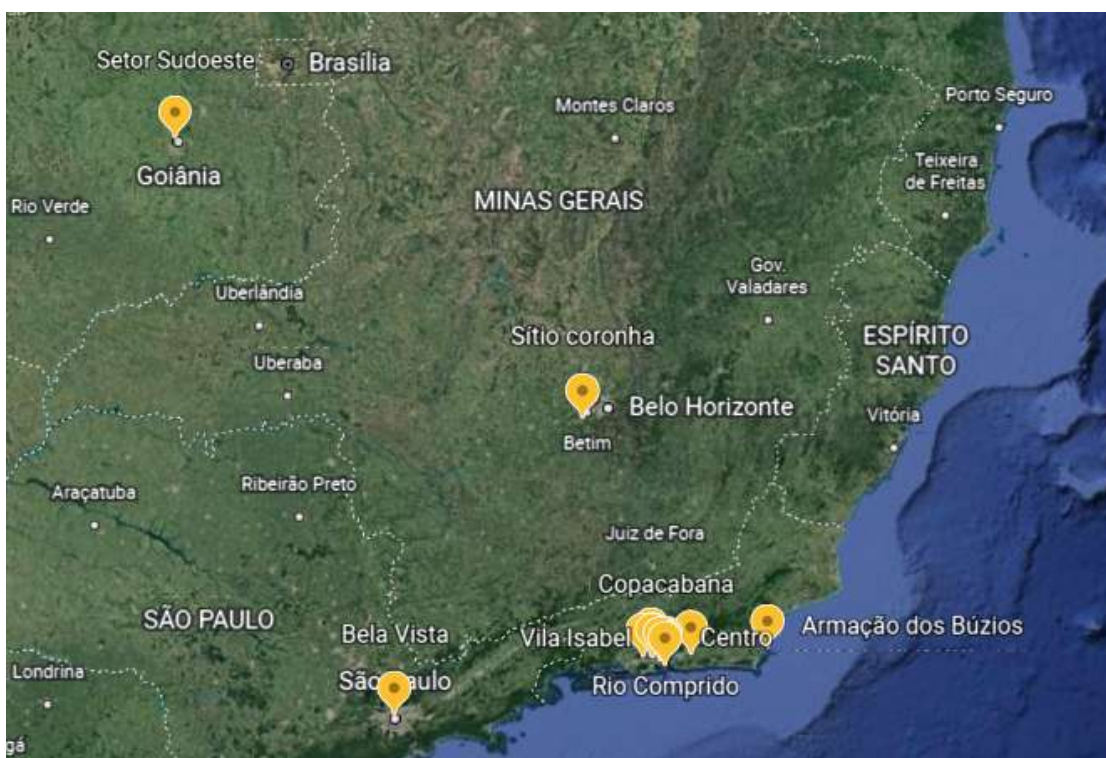


**Fonte:** Dados da pesquisa, 2022.

Em relação à localização física dos respondentes, percebe-se que a maioria reside na zona central da cidade do Rio de Janeiro ou em bairros próximos, tendo fácil

acesso à sede do Grupo Afro Agbara Dudu. Os pontos destacados em amarelo no mapa 02 devem ser entendidos como a residência descrita pelos participantes.<sup>23</sup>

**Figura 04:** Localização respondentes ao questionário 2022 em relação a sede do Grupo Afro Agbara Dudu



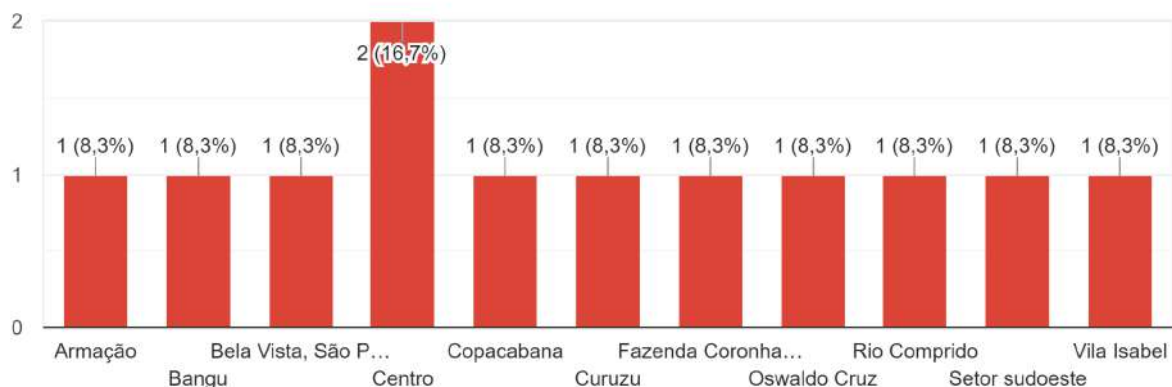
Fonte: Google Maps 2022

<sup>23</sup> Localização criada pela ferramenta Google Earth com base na localização física informada pelos participantes no formulário disponibilizado.

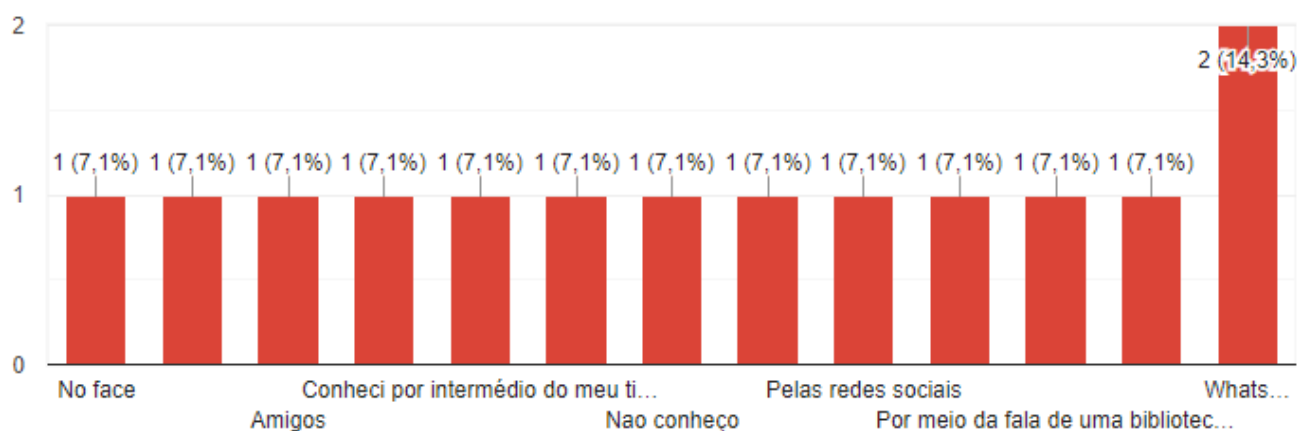
**Tabela 04** - Categoria residência

Bairro onde reside

12 respostas

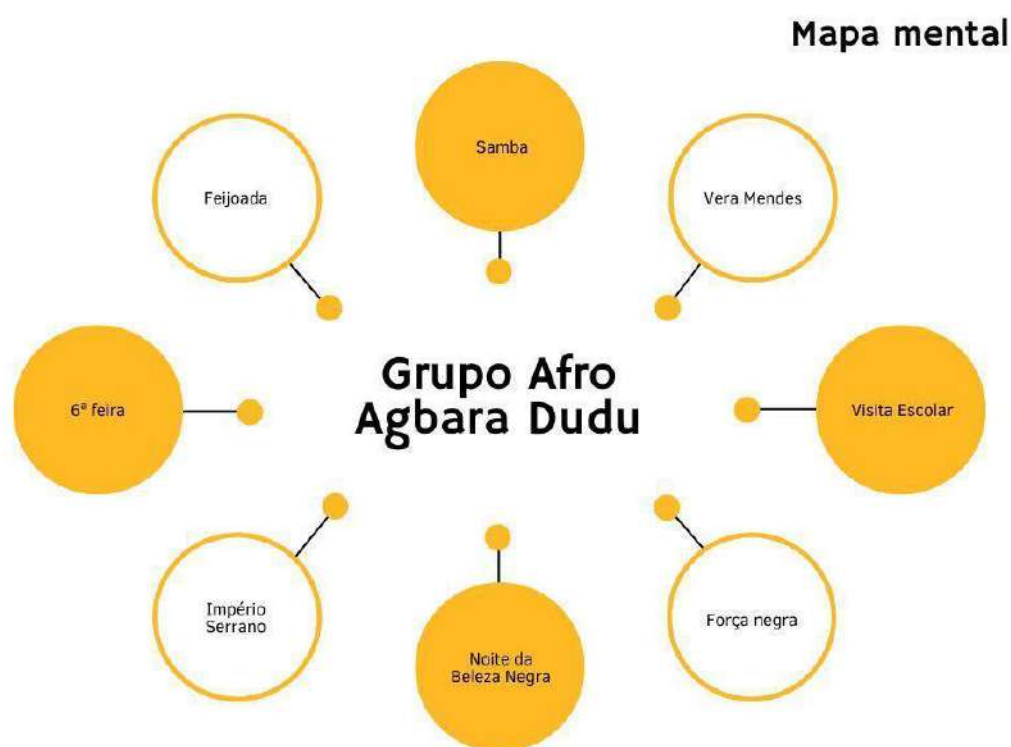
**Fonte:** Dados da pesquisa, 2022.

Os participantes ao serem indagados como conheceram o Grupo Afro Agbara Dudu, destacaram as redes sociais *Facebook* e *whatsapp*, amigos e familiares. Observa-se por meio do questionário a importante contribuição das redes sociais para a divulgação, promoção, disseminação das atividades do grupo, bem como, forma de acessibilidade e inclusão, intrinsecamente ligada à utilização da *internet*, não sendo concentrada a divulgação apenas na sede ou espaço físico.

**Tabela 05:** Categoria comunicação**Fonte:** Dados da pesquisa, 2022

No que tange a memória afetiva dos respondentes, foram citados algumas atividades e destaques do Grupo Afro Agbara Dudu como o samba feito pelo Grupo Afro Agbara Dudu com sua característica de inserção dos instrumentos de percussão utilizados no Candomblé, como por exemplo os atabaques, a primeira presidente mulher Vera Mendes, a feijoada realizada nos eventos musicais, as visitas escolares no *tour* Oswaldo Cruz/Portela, a Noite da Beleza Negra, os eventos na quadra da Império Serrano.

**Quadro 03:** Mapa mental Grupo Afro Agbara Dudu



**Fonte:** Elaborado pela autora

Nota-se com a análise dos dados da pesquisa que a memória e a identidade, transmitidas na cultura afro-brasileira por meio da oralidade possui grande relevância na promoção e disseminação dos valores do grupo ou comunidade (RAMOS, 2008).

Por meio das narrativas e lembranças é possível dar visibilidade ao grupo, ao bairro de Oswaldo Cruz que é um bairro tradicionalmente de pessoas pretas, “com uma

população formada inicialmente por ex-escravizados e descendentes vindos do Vale do Paraíba Fluminense” (PAIXÃO, 2022, p. 47), que contribuíram para a cultura do jongo, do samba, culinária, religião com importante contribuição cultural.

No próximo capítulo iremos abordar as principais atividades do Grupo Afro Agbara Dudu, evidenciando seus eventos principais, contribuição nos movimentos sociais, a participação das mulheres, seu acervo e registro como um dos blocos e grupo de afoxés da cidade do Rio de Janeiro pelo INEPAC.

## **CAPÍTULO II – ATIVIDADES GRUPO AFRO AGBARA DUDU: PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO BRASILEIRO**

“Os valores patrimoniais e os juízos de preservação se alteram com o passar do tempo, pois ambos são construídos social e historicamente.” (PELEGRINI e FUNARI, 2013)

Este capítulo visa descrever e destacar as principais atividades do Grupo Afro Agbara Dudu, sua participação nos movimentos sociais, o protagonismo feminino no grupo, seu acervo e a sua inclusão como bloco e grupo de afoxés como patrimônio de natureza imaterial da cidade do Rio de Janeiro pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural<sup>24</sup> (INEPAC).

### **2.1 Os lugares em torno o Grupo Afro Agbara Dudu**

A fundação oficial do Grupo Agbara Dudu, como dito anteriormente, ocorreu em 04 de abril de 1982 no bairro de Oswaldo Cruz, zona norte da cidade do Rio de Janeiro - RJ, sendo considerado o primeiro bloco afro do Rio de Janeiro com produção cultural até os dias atuais.

Sua sede está localizada no bairro de Oswaldo Cruz, próxima a praça Paulo da Portela, local citado por Elias Alfredo (atual presidente do Grupo Afro Agbara Dudu) como sendo no passado um antigo quilombo.

**Figura 05:** Localização geográfica Grupo Afro Agbara Dudu

---

<sup>24</sup> “O Instituto dedica-se à preservação do patrimônio cultural do Estado do Rio de Janeiro, elaborando estudos, fiscalizando e vistoriando obras e bens tombados, emitindo pareceres técnicos, pesquisando, catalogando, inventariando e efetuando tombamentos”. Disponível em: <http://www.inepac.rj.gov.br/index.php/home/instituicao>. Acesso em: 20 nov. 2021.



Fonte: Google Maps 2022

Segundo Cunha (2019) o bairro em seu primórdio era conhecido como Freguesia de Nossa Senhora do Irajá, “sendo seus primeiros habitantes formada por ex-escravos e seus descendentes, oriundos das fazendas do Vale do Paraíba Fluminense” (CUNHA, 2019, p. 33).

Na região foram criadas as grandes escolas de samba-enredo como a Portela, o Império e a Tradição, tornando-se o berço do samba do Rio de Janeiro<sup>25</sup>.

**Figura 06:** Localização geográfica do bairro de Oswaldo Cruz

<sup>25</sup> RIO DE JANEIRO (RJ). Lei n. 6483/2019. Disponível em: <http://aplicnt.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/contlei.nsf/50ad008247b8f030032579ea0073d588/f9354b4bf80aa4af83258386006054b9?OpenDocument>. Acesso em: 18 dez. 2022.





Fonte: Mapa bairro Oswaldo Cruz disponível no google Maps 2022.

A ocupação desse território contou também com imigrantes, que saíram das zonas rurais para a cidade, outros que fugiram das reformas urbanas que expulsaram a população de baixa renda do centro da cidade, e contou ainda com a expansão da via férrea (PAVÃO, 2019). O nome recebido foi em homenagem ao sanitarista Oswaldo Cruz.

Em torno do bairro ainda existe a forte presença do Jongo da Serrinha, a presença marcante da religiosidade afro-brasileira por meio do comércio existente no local conhecido como Mercado de Madureira e o baile charme realizado no Viaduto Negrão de Lima.

A escola de Samba Portela, em 2003, idealizou uma roda de samba no bairro, visando resgatar o samba tradicional, por meio da velha-guarda e com o apoio do compositor Marquinhos de Oswaldo Cruz, que juntos realizaram a primeira “Feijoada da Portela” que passou a ocorrer no primeiro sábado de cada mês, reunindo músicos, compositores, artistas que “prestigiaram a feijoada feita por Tia Surica”, juntando samba e culinária. (PAVÃO, 2019, p. 210)

Marquinho de Oswaldo Cruz também idealizou a “Feira das Yabás”, em parceria com a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, próximo a sede do Grupo Afro Agbara

Dudu, na Praça Paulo da Portela. A Feira das Yabás visa preservar a cultura afro-brasileira e africana. Ocorre mensalmente, juntando o samba e a culinária afro-brasileira, onde são comercializadas comidas típicas afro-brasileiras, como feijoada, galinha com quiabo, cocadas, dentre outros, preservando o saber fazer, formando a culinária afro-carioca, ao som do samba carioca que reúne centenas de pessoas, escolas de samba, grupos culturais, como por exemplo, o Grupo Afro Agbara Dudu, que colaboram realizando diversos eventos culturais (CHAO, 2015).

A Feira das Yabás é um evento que se (re) significa como território de diversidade e pluralidade de símbolos, costumes, tradições e memória. Oferece muito além de pratos típicos da culinária carioca – resgata a memória de sambistas e outras personalidades importantes da história do bairro, reverencia a cultura do jongo através das apresentações frequentes, favorece o espaço musical para novos e conhecidos artistas da cidade. Tudo isso apresentado como uma “grande festa no almoço de domingo” (CHAO, 2015, p. 36-37).

Segundo Montanari (2008) a preservação dos saberes por meio da culinária, vinculados a uma tradição e a um território, ressignifica a essência da comida, ao unir variadas formas de fazer.

Em todas as sociedades tradicionais, o modo de comer é o primeiro sinal de diferença entre os indivíduos e as classes. Mas, no momento em que a comida se transformou em um bem difundido, esse código alimentar se embota, enquanto se afirma o valor do território como receptáculo de uma nova diferença: a comida geográfica. Por essa razão, o conceito de “cozinha de território” se mantém atual. (MONTANARI, 2008, p. 142)

Em 2022, a Feira das Yabás foi tombada como patrimônio cultural de natureza imaterial do Rio de Janeiro, conforme noticiado e divulgado pelos principais veículos de comunicação em massa da cidade do Rio de Janeiro, corroborando para enriquecimento e valorização da Grande Madureira e em especial o bairro de Oswaldo Cruz.<sup>26</sup>

Marcelo Crivella, em 2019, prefeito da cidade do Rio de Janeiro, sancionou no dia 22 de janeiro a Lei nº 6.483 criando oficialmente a Área de Especial Interesse Cultural – Perímetro Cultural de Oswaldo Cruz, reconhecendo a importância da rota da cultura do samba na Grande Madureira.

O Grupo Afro Agbara Dudu, encontra-se localizado nesse território cultural importante de preservação da cultura afro-brasileira na cidade do Rio de Janeiro.

---

<sup>26</sup> Disponível em: [Feira das Yabás é tombada como Patrimônio Cultural e Imaterial do Rio | Rio de Janeiro | O Dia \(ig.com.br\)](https://www.ig.com.br/rio-de-janeiro/feira-das-yabas-e-tombada-como-patrimonio-cultural-e-imaterial-do-rio-de-janeiro). Acesso em: 20 dez. 2022.

## 2.2 Atividades político, educacional e cultural

A primeira apresentação feita pelo Grupo Afro Agbara Dudu a comunidade foi na antiga sede da Portela - Portelinha<sup>27</sup>. Segundo Hélio de Assis, o evento ocorreu entre os meses de junho e julho do ano de 1982. Ele como diretor estava na recepção, recebendo os blocos afro e de afoxés que chegavam de todo o Brasil. Nessa noite o evento contou com aproximadamente 2.500 pessoas participando e foi nesse evento que o “Agbara Dudu explodiu para o Brasil”<sup>28</sup>.

Suas narrativas inicialmente eram interligadas a própria história do bairro de Oswaldo Cruz, ao movimento *black power*, ao movimento negro unificado e ao resgate do samba carioca. Em pouco tempo, se tornou um espaço de debate sobre racismo, discriminação e ressignificação da cultura afro-brasileira na cidade do Rio de Janeiro.

O Grupo Afro Agbara Dudu realiza eventos político-pedagógicos em sua sede, presídios, escolas, debates em universidades, espaços públicos, apresentações em lugares onde se permite colocar em evidência o negro na sociedade.

O Grupo Afro Agbara Dudu, promove ainda reuniões com partidos políticos, associações, docentes e pesquisadores universitários, grupos de estudiosos sobre cultura afro-brasileira e africana, intelectuais e escritores negros e brancos, que visam debater a questão do negro como um todo, perpassando pela luta antirracista até a reparação da escravidão no Brasil.

Um dos primeiros encontros do Grupo realizados nos anos 80, segundo Elielma Machado (1992), foi o Terreirão Senzala que ocorria as 6<sup>a</sup> feiras, quando as “tias” cozinhavam comidas afro-brasileiras, além da participação da banda Agbara Dudu, compositores e cantores que apresentavam suas músicas nesse encontro. (MACHADO, 1992, p. 24).

No decorrer dos anos, novos eventos foram sendo criados, destacando-se 04 eventos considerados carros-chefes: Movimento Cultural Samba do Buraco do Galo (MCSBG), Noite da Beleza Negra, Pagode do Trem e Feira Afro Literária da Periferia (FALP) que em seguida iremos retratar.

---

<sup>27</sup> Em 2022 reconhecida como Patrimônio Imaterial e Cultural do Estado do Rio de Janeiro pela Lei nº 9888/2022 sancionada pelo governador Cláudio Castro.

<sup>28</sup> Depoimento feito à autora por Hélio de Assis em 2023.

### 2.2.1 Movimento Cultural Samba do Buraco do Galo

Movimento Cultural Samba do Buraco do Galo (MCSBG) fundado em 1996, tendo como cofundador Edinho de Oliveira, compositor, cantor, músico, produtor artístico, diretor do Grupo Afro Agbara Dudu.

**Figura 07:** Fachada do bar e Movimento Cultural Samba do Buraco do Galo



Fonte: Disponível em: [http://www.museuafroorio.uerj.br/?page\\_id=3540](http://www.museuafroorio.uerj.br/?page_id=3540). Acesso em: 27 jan. 2023

De acordo com Elias José Alfredo (2019, p. 200)

O nome Buraco do Galo existe porque este espaço era no passado um aviário antes de se tornar um boteco. Nos seus arredores, nasceu e morou Mestre Candeia, a Portela teve o seu primeiro barracão alegórico ali próximo, o famoso Bar do Águia, esquina das ruas João Vicente com Dona Vivência, localizado em frente à Estação de Osvaldo Cruz, também é vizinho do botequim Buraco do Galo. É ali que continuaremos a nossa resistência. Um lugar onde as mulheres são do samba, se organizam contra o machismo, cantando como Pastoras, ou mesmo participando das rodas, onde elas exercem o seu protagonismo social, cultural, político e de gênero. Onde o samba é integração e resistência (ALFREDO, 2019, p. 200)

O evento que ocorre na rua Dona Vicência, 97, no bairro de Osvaldo Cruz, busca homenagear as Velhas Guardas do Samba, com a presença marcante do coletivo

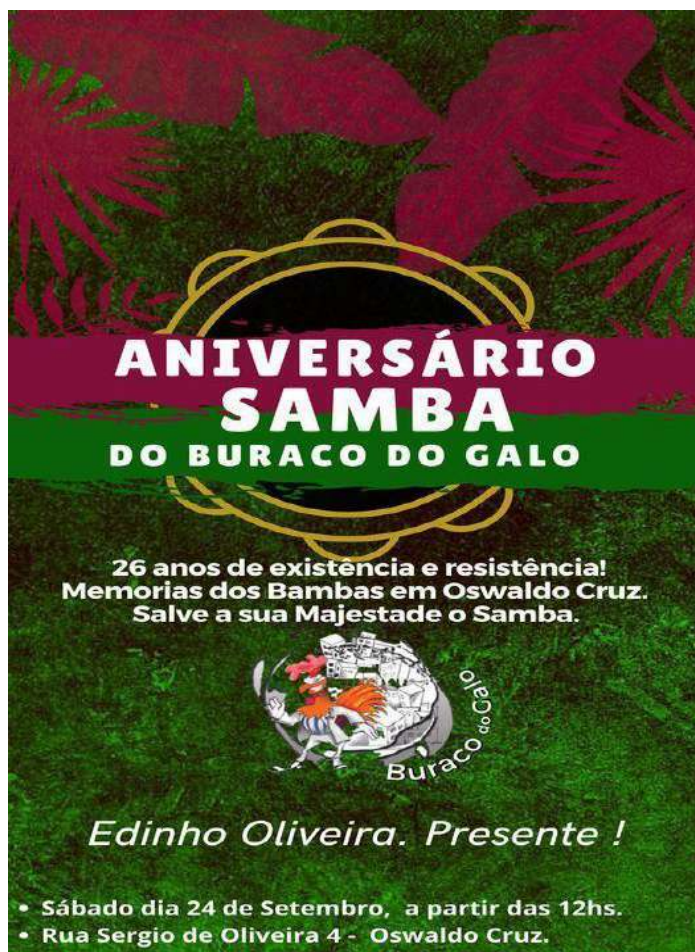
de sambistas, compositores, músicos e público que apreciam um bom samba, e a busca de um samba raiz, inspirado nos sambas e estilo de mestre Candeia, que identificasse o Movimento.

O Agbara Dudu, foi a base inicial de sustentação, do que é hoje o movimento político-cultural Samba no Buraco do Galo. Na verdade, ele nasce dentro do Agbara Dudu, com base em um projeto de rodas de samba cultural e política: às quartas feiras, nos reuníamos para tocar sambas inéditos e aos domingos A resistência do samba nosso de cada dia, no subúrbio carioca 199 homenageamos as Velhas Guardas do nosso samba. Esse projeto começou a aglutinar várias pessoas de diversas regiões da cidade e foi tomando corpo. Até decidirmos ter uma pauta política, como forma de reivindicarmos melhorias para o bairro de Oswaldo Cruz. Fundamos então o movimento Acorda Oswaldo Cruz e decidimos intervir, de forma política e cultural, através do que denominamos Pagode do Trem, um resgate do que os nossos velhos bambas do bairro faziam nos idos anos 1930 e 1940, nos trens da Central (ALFREDO, 2019, p. 198-199).

Em 2022, foi comemorado os 26 anos de existência e resistência, homenageando o Mestre Edinho Oliveira, que faleceu neste ano. Edinho ao falar de Oswaldo Cruz se reportava como “Quilombo do Samba”.

“O samba, que vem de semba, que vem da África”, era assim que Edinho Oliveira, o comandante da roda, iniciava todo encontro. “Trazido pelos nossos irmãos de além mar”, completava e assim, Edinho fazia uma genealogia do samba até chegar a nós, no Rio de Janeiro” (PAIXÃO, 2022, p.53).

**Figura 08:** Card do evento Buraco do Galo 2022



Fonte: Página Facebook do Grupo. Disponível em: [https://www.facebook.com/grupoafrogbaradudu/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/grupoafrogbaradudu/?locale=pt_BR).

Paixão (2022, p. 52) salienta ainda que o MCSBG é um movimento que tem por objetivo também

promover um espaço, por meio das rodas de samba, onde os compositores pudessem apresentar seus sambas autorais, onde todos pudessem ter voz. O movimento fortalecia o espaço suburbano, buscando quebrar a hegemonia e a seletividade das grandes corporações da música como o rádio, por exemplo. Ali, os sambistas, cantores e compositores tinham espaço, organizado de forma sempre justa e democrática, não importava quem fosse. Quem quisesse cantar, botava seu nome na lista (PAIXÃO, 2022, p. 52).

MCSBC é um dos mais importantes movimentos do bairro, pois enaltece, reconhece e preserva, esse território, por meio das narrativas e tece a construção da memória e preservação da cultura negra na cidade do Rio de Janeiro.

### 2.2.2 *Pagode do Trem*

O Pagode do Trem ou Trem do Samba é um evento que acontece anualmente no Dia Nacional do Samba<sup>29</sup> no dia 02 de dezembro.

Segundo Souza (2021) a história do Trem do Samba regressa aos anos 40 como forma dos sambistas e compositores, que não trabalhavam, utilizavam para driblar a vigilância policial instituída pelo decreto-lei n.º 3.688/41 conhecido com a Lei da Vadiagem, que no artigo 59 previa a atuação e prisão dos cidadãos sem emprego fixo ou renda. Esses sambistas se reuniam nos vagões dos trens para compor e ensaiar os sambas.

Foi dentro dos trens que o samba chegou à “roça” de Oswaldo Cruz e Madureira, levado pelos bambas do Estácio, fato que é lembrado todo ano, no Dia Nacional do Samba, com o Pagode do Trem: uma composição inteira é reservada para que sambistas tradicionais, amantes do samba e até turistas possam embarcar em rodas de sambas que acontecem dentro de cada vagão. O trem parte da Central do Brasil, no Centro e vai até Oswaldo Cruz, onde todos são recebidos com mais samba. (DOSSIÊ, 2006, p. 89)

Nos anos 80, de acordo Elias Alfredo<sup>30</sup>, no bairro de Oswaldo Cruz, foi criado o movimento “Acorda Oswaldo Cruz” que mobilizou toda comunidade formada pelos grupos sociais, moradores, comerciantes, igrejas, terreiros de Umbanda e Candomblé, trabalhadores do bairro. Atuando em conjunto com o Grupo Afro Agbara Dudu e o Movimento Cultural Samba do Buraco do Galo, por meio das atividades político, social e cultural realizadas no bairro, pleitearam junto ao Estado políticas públicas para uma melhor qualidade de vida, diminuição das desigualdades sociais, buscando aflorar reflexões sobre a importância e conscientização da população negra nesse território.

Alfredo (2019, p. 199) cita ainda que houve uma grande participação do Grupo Afro Agbara Dudu na criação do Movimento Acorda Oswaldo Cruz e no resgate da tradição do Trem do Samba ou como o Grupo define Pagode do Trem.

Nos seus primórdios, ajudamos a construir o Pagode do Trem com objetivos definidos. Tínhamos uma pauta política clara: um terminal de linha de ônibus, de Oswaldo Cruz para o Centro da cidade; mais escolas; creche no bairro e no

<sup>29</sup> No dia 02 de dezembro, o compositor brasileiro Ary Evangelista foi à Bahia pela primeira após ter composto seu sucesso “Na Baixada do Sapateiro”, ficando essa data como um marco do Samba (SOUZA, 2021, p. 29).

<sup>30</sup> Depoimento feito à autora por Elias Alfredo em 2022.

Conjunto Habitacional de Oswaldo Cruz; e agências dos Correios e bancárias. Os sambistas do Buraco do Galo estavam juntos com as associações de moradores, com as igrejas do bairro, o Agbara Dudu, além de contarmos com o apoio ilustre dos membros da Velha Guarda da Portela, nas figuras de Argemiro do Patrocínio, Monarco, seu Osmar do Cavaco, Casquinha, seu Jair do Cavaco, as Tias Doca, Surica, Ivan Milanez, Romana e tantos outros bambas da área, os grupos de poetas do bairro e região adjacentes.

**Figura 09:** Pagode do Trem



**Fonte:** Acervo Grupo Afro Agbara Dudu [S.l.: S.n., 197-?]

Durante o processo de participação em eventos e levantamentos das fontes para essa pesquisa, a pesquisadora observou que há uma “disputa” sobre a idealização do “Trem do Samba ou Pagode do Trem” considerados sinônimos, por alguns atores do bairro, bem como sobre o local de origem. Nesta pesquisa não pretendemos aprofundar nessa discussão, somente identificar o evento como uma das atividades política, social e cultural do Grupo Afro Agbara Dudu.

### 2.2.3 Noite da Beleza Negra

A Noite da Beleza Negra foi idealizada por Sérgio Roberto dos Santos, membro do Bloco Ilê Aiyê em 1976, logo após a sua fundação. Este evento ocorre 15 dias antes do sábado de carnaval e visa eleger a Deusa do Ébano, que irá representar o Bloco nas atividades no decorrer do ano. As candidatas se apresentam, dançam utilizando a



estética afro-brasileira e discorrem sobre o papel da mulher negra na sociedade (PAULA, 2021).

Por conta disso, desde o início, a Noite da Beleza Negra trouxe uma ressignificação do conceito de beleza, transformando a consciência das negras, para que elas abraçassem sua estética e começassem a se reconhecer enquanto belas. O concurso também firmou o espaço das mulheres negras como rainhas, escolhidas para carregarem o título de Deusa do Ébano. (OLIVEIRA; SANTOS, 2016, p. 10)

Lima (2014) salienta que o Ilê Aiyê influenciou mulheres negras de todo o Brasil, por meio da Noite da Beleza Negra, símbolo de representatividade da mulher negra e pela exaltação do feminino e valorização da beleza negra.

Nesse contexto, opõe-se ao modelo branco-centrado, onde o branco tem significado positivo enquanto o negro, negativo (SOUZA, 1983), onde o negro é tido como selvagem no sistema de opressão nos processos colonialistas (SCHWARCZ, 1993).

No ano de 2023, comemora-se sua 42ª edição homenageando o centenário do angolano Agostinho Neto. As candidatas a Deusa do Ébano precisam ter além da beleza, conhecimento da cultura negra, o papel da mulher na sociedade, ter entre 18 e 30 anos, saber dançar músicas afro e conhecer a história do Ilê Aiyê<sup>31</sup>.

Assim como ocorreu em Salvador (BA), no Rio de Janeiro, inspirado no Bloco Ilê Aiyê, o Grupo Afro Agbara Dudu em 1982 realizou a primeira Noite da Beleza Negra na cidade do Rio de Janeiro, seguindo os critérios estabelecidos pelo Ilê Aiyê.

A Noite da Beleza Negra é um concurso que resgata os valores estéticos afro-brasileiro e contribui para a afirmação do negro como belo. Ocorre uma vez por ano, comumente é realizado em quadra de escola de samba do Rio de Janeiro a ser definida durante o ano.

As candidatas assim como Ilê Aiyê costumam desfilar, dançar, vestidos com roupas homenageando a mãe África ao som da banda Agbara Dudu e a cultura africana de um modo geral. O evento conta com gastronomia afro-brasileira, apresentação de artistas, exposições e participação de artistas que ainda estão no anonimato.

---

31

Disponível

em:

<https://muitainformacao.com.br/post/69516-corpo-de-idealizador-da-noite-da-beleza-negra-do-ile-aiye-e-cremado>. Acesso em: 01 fev. 2023.

Segundo Hélio de Assis<sup>32</sup>, além dos critérios informados, para se candidatar a Rainha na década de 80 era necessário ser mulher, negra de qualquer tonalidade, moradora de qualquer região da cidade do Rio de Janeiro e sem limite de idade ou peso. Muitas candidatas optaram durante suas apresentações realizar homenagens aos orixás cultuados no Candomblé

O evento conta com centenas de pessoas que compõem o seu público, em grande parte jovens da zona norte, que vão prestigiar os candidatos a Rainha e Rei do Grupo. No início tinha como foco eleger a primeira rainha do grupo e anos mais tarde “ampliou-se para a eleição também do rei do grupo (rei Dudu). Um prêmio importantíssimo para afirmação e autoestima da mulher e do homem negro afro-carioca.” (ALFREDO, 2019, p. 198). Em 2022, O Grupo inovou mais uma vez, ampliando as categorias do concurso para Juvenil / Adulto e Sênior.

Elielma Machado (1992) relata que o evento nos anos 90 recebia cerca de 8 a 10 mil pessoas na quadra onde era realizado, sendo a maioria pessoas negras, jovens entre 20 e 35 anos de idade, moradores da zona norte, oeste da cidade do Rio de Janeiro e baixada fluminense. Contava com apresentações de novos artistas negros. (MACHADO, 1992, p. 25).

A Noite da Beleza Negra não é só uma festa, já que a Noite da Beleza Negra além das manifestações culturais, ela abriu espaços para falações, discussões, exposições de artistas, pessoas que estão no anonimato. Isso é uma forma de fazer política, tirar o negro do cantinho (MACHADO, 1992, p. 25).

Percebe-se uma maior adesão e participação das mulheres no evento em relação aos homens. Os temas muitas vezes apresentados pelas mulheres remetem ao conceito de família, enquanto os homens valorizam mais a militância e ideais políticos (MACHADO, 1992).

Lélia Gonzalez<sup>33</sup> importante feminista negra participou como jurada e membro do Grupo Afro Agbara Dudu, em algumas edições do concurso dos anos 80 e 90, contribuindo para a valorização da mulher no movimento negro unificado. Sua

---

<sup>32</sup> Depoimento feito à autora por Hélio de Assis em 2023.

<sup>33</sup> Segundo Silva (2021) em sua tese intitulada “De Lélia Gonzalez a Marielle Franco: mulheres negras e seus processos comunicacionais interseccionais de resistência” Lélia Gonzales foi uma intelectual negra que se destacou como militante no Movimento Negro Unificado (MNU) desde a sua fundação. Ao romper com MNU, sua atuação destacou-se por colocar em evidência o sexismo e o racismo sofrido pelas mulheres negras.

participação foi de extrema importância para o reconhecimento e valorização das mulheres negras no Grupo Afro Agbara Dudu como veremos mais à frente.

De acordo com Gonzalez (2020, p. 210) foi o bloco Afro Ilê Aiyê que trouxe a discussão e a valorização da beleza afro-brasileira em Salvador e no Rio de Janeiro, coube ao Grupo Afro Agbara Dudu “a restituição do orgulho cultural e da criatividade estética à comunidade negra” (GONZALEZ, 2020 p. 210).

essas duas entidades pioneiras. Pioneiras no sentido de demonstrarem que cultura é política com P maiúsculo, na medida em que, da maneira mais didática e prazerosa, fazem com que a nossa etnia tome consciência do seu papel de sujeito de sua própria história e de sua importância na construção não só deste país como na de muitos outros das Américas (GONZALEZ, p. 210).

**Figura 10:** Noite da Beleza Negra



**Fonte:** Acervo pessoal Elias Alfredo [s.l.: s.n., 1982?]

Machado (1992) destaca o ano de 1991 como sendo um ano marcante, pela participação de uma integrante do Grupo Afro Agbara Dudu, mulher negra, grávida, que

ao realizar sua performance no evento, ao fundo, o narrador por meio de seu texto, evidenciava a importância da mulher.

O apresentador narrava um texto, que linhas gerais, dizia que a coisa mais importante da vida é o nascimento, a renovação, sendo que, para que isso ocorra, é necessário que haja o ventre materno, no qual a vida (o feto) se desenvolverá até o nascimento. Após o nascimento a criança será iniciada no contexto da cultura negra. (MACHADO, 1992, p. 54)

Elielma Machado ainda sinaliza que, durante a realização de sua pesquisa de campo no Grupo Afro Agbara Dudu, no evento “Noite da Beleza Negra 1991 haviam 06 candidatas ao título de Rainha e 02 candidatos ao título de Rei.” (MACHADO, 1992, p. 39), onde destaca-se a presença majoritariamente feminina.

**Figura 11:** Card da Beleza Negra 2022



**Fonte:** Acervo pessoal da autora.

A Noite da Beleza Negra é considerada um dos eventos mais importantes do Grupo Afro Agbara Dudu, pois além de contribuir na luta contra o racismo que existe

no Brasil e na luta antipatriarcal, coloca em evidência o papel das mulheres negras como protagonistas importantes na história afro-brasileira.

Esse evento vem refutar o fenótipo negro que no decorrer dos séculos foi visto como feio, distorcido, com defeitos, fruto da indústria do branqueamento que é considerado o “padrão de beleza ideal”. Assim, é um evento de extrema importância pois traz à tona a discussão sobre a valorização da beleza negra, com ênfase no protagonismo feminino do Grupo Afro Agbara Dudu na sociedade e na luta antirracista.

#### *2.2.4 Feira Afro Literária da Periferia (FALP)*

Em 2022 foi realizada a 1ª Feira Afro Literária da Periferia, na Portelinha, que buscou dar destaque aos escritores afro-brasileiros e africanos e a importância da oralidade literária preservada e sustentada nos terreiros de Umbanda e Candomblé no Brasil, ao longo da história do povo negro e como estes importantes espaços se constituem como verdadeiros espaços de preservação das culturas africana e afro-brasileira.

A FALP na sua primeira edição, contou com a presença de Mãe Marlene da Oxum, Ya Vanda Araújo, Babalorixá Ivanir dos Santos, Mãe Márcia da Oxum, considerados na atualidade, como grandes representantes e militantes Candomblé e Umbanda, que compartilharam informações sobre diálogo da oralidade literária dos terreiros.

Os adeptos das religiões de matriz africana, possuem em sua tradição a oralidade como forma de preservar e disseminar seu conhecimento, passando do mais velho para o mais novo, não possuindo a escrita como base da disseminação e promoção dos saberes.

Adolfo (2000, p. 02) salienta que a oralidade está intrinsecamente ligada às religiões afro-brasileiras, por meio de seus ritos.

A oralidade se constitui no ponto fulcral das atividades no recinto das casas de culto, oralidade vinda, em parte do “ethos” africano dos povos aqui aportados, mas que também passou por um processo de reconstrução, de rearranjo necessário para a estruturação do atual fato cultural. No Candomblé a narrativa é tudo e tudo se estrutura como uma narrativa, sendo os acontecimentos sagrados (ou sacramentados) passados de pessoa para pessoa, como insistem os autores clássicos, Roger Bastide e Juana Elbein. A entonação da voz, o calor dos lábios, a saliva, são partes do ritual, completam o conteúdo do

narrado, enfim, não é o fim último – mas é o elemento que veicula um trajeto maior: o trajeto no qual se constrói a iniciação (ADOLFO, 2000, p. 02).

As narrativas são fundamentadas nas lendas, conhecidas nesses territórios por “Itan”, termo de língua iorubá que significa “lenda”. Durante essa temática da FALP a pesquisadora pode contribuir com sua experiência como Yá dos cultos de Umbanda e Candomblé nesta importante discussão enquanto membro da comissão de história e patrimônio, como zeladora do culto Umbanda e como objeto desta pesquisa.

Destacou-se também, a discussão sobre literatura infanto juvenil preta realizada por Sinara Rúbia, escritora, romancista e por Claudia Ferreira, gestora da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, escritora, ambas mulheres negras, militantes feministas, que trouxeram para reflexão a importância das escolas na educação sobre cultura africana.

Autores e artistas africanos como Eliseu Bonori, homem, negro, escritor da Guiné Bissau, professor, pesquisador, Nizimbo Miguel, homem, negro, angolano, professor, historiador, engenheiro ambiental e Mauro Roselion David Jota, homem, negro, angolano, escritor, músico, romancista, discutiram a literatura africana e sua contribuição para a literatura e cultura brasileira.

Mauro Roselion David Jota, ao ser indagado sobre a sua visão sobre o racismo pela pesquisadora desta proposição, que participou enquanto mediadora da mesa, destacou que “senti a força do racismo apenas no Brasil e que no Brasil que se descobriu homem preto<sup>34</sup>”. Na Angola, segundo Mauro Jota, a percepção dos escritores africanos sobre o racismo é diferente, enquanto no Brasil destaca-se a cor, em sua terra natal os conflitos são outros.

Escritores negros e escritoras negras, brasileiros, como Mestre Espírito Santo, homem, negro, militante, membro do Grupo Afro Agbara Dudu, historiador, pesquisador, musicista; Claudicea Durans, mulher, negra, doutora, historiadora, professora no Instituto Federal do Maranhão (IFMA); Rosenverck Estrela Silva, homem, negro, doutor, professor, historiador; Julio Cesar Condaque, homem, negro, mestre, historiador, escritor, membro do Grupo Afro Agbara Dudu; Edson Bonfim, homem, negro, professor, sociólogo, escritor; Ele Semong, homem, negro, escritor, músico, membro do Grupo Afro Agbara Dudu; Deley de Acari, homem, negro, escritor,

---

<sup>34</sup> Depoimento feito à autora durante participação no debate realizado pela FALP no dia 20/08/2022, na Portelinha.

músico e Hélio de Assis, destacaram a importância do coletivo, na preservação dos saberes, por meio da educação, da cultura, das artes como um todo, destacando as contribuições individuais e coletivas como fatores importantes para mudanças sociais, para a valorização do negro e diminuição das desigualdades sociais existentes até os dias atuais.

No mesmo evento, foi realizada também uma homenagem ao mestre Paulo da Portela, por meio dos membros da Diretoria da Galeria da Velha Guarda da Portela e da professora e escritora Marília Trindade Barboza, mulher, branca, escritora, romancista, que explanaram em suas falas a vida Paulo da Portela.

Figura 12: Card FALP 2022



Fonte: Facebook Grupo

**Figura 13:** Debate FALP 2022



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

A FALP em seu primeiro ano, colocou em evidência o protagonismo negro do Grupo Afro Agbara Dudu, considerado um produto social e histórico representativo da cultura negra no bairro de Oswaldo Cruz, na cidade do Rio de Janeiro.

### **2.3 Protagonismo feminino no movimento negro**



As mulheres na cultura afro-brasileira ocupam posição central na construção e preservação da cultura. Tal construção é baseada na afirmação da estrutura familiar, onde os valores dos povos negros são transmitidos pelas mulheres aos seus descendentes, preservando a hierarquia familiar.

Muito presente nas religiões de matriz africana, onde a religião é matriarcal, a base de toda família é representada na figura feminina. O feminino também é marcado no Grupo Afro Agbara Dudu desde sua formação inicial a partir da figura marcante de Vera Mendes, primeira presidente, mulher negra do Grupo.

Além de Vera Maria Mendes, destaca-se outra grande mulher, Edna Maria Helena Alfredo, conhecida por Edinha, é irmã do atual presidente Elias Alfredo. Atuante no Grupo Afro Agbara Dudu desde sua concepção, Edinha é ativista na luta contra o racismo, discriminação, invisibilidade da população negra e representante da força da mulher (MIRANDA, 2020).

**Figura 14:** Edna Alfredo durante evento FALP 2022.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora

Com grande prestígio no grupo, destaca-se pela simpatia, voz e empatia como trata a todos sem distinção. Com uma voz suave ela leva o samba nos eventos de forma sem igual. Edna Alfredo agrega grande valor às rodas de conversas dos grupos de estudos, os encontros, ao compartilhar suas experiências, se tornando uma protagonista da história do grupo e referência de representatividade da mulher negra, na identidade política e do coletivo feminino.

Destaca-se a forte influência das mulheres na organização do Grupo, na militância, assumindo muitas vezes papéis considerados masculinos desde a fundação do Grupo Afro Agbara Dudu.

Segundo Hélio de Assis<sup>35</sup>, o Grupo Afro Agbara Dudu foi o primeiro grupo a discutir a posição das mulheres nos movimentos sociais na cidade do Rio de Janeiro. Como o grupo foi idealizado nos fundos do terreiro de Candomblé sob forte influência das práticas religiosas, foi definido que assim como no Candomblé as mulheres deveriam ter posição de destaque dentro do grupo e nos movimentos sociais em que o grupo atua.

Nesse momento o Grupo amplia suas atividades incorporando na pauta dos debates, o feminismo, valorização da mulher negra, luta contra sexismo, além dos temas já discutidos pelo Movimento Negro (MN) como veremos em breve.

Não se pretende nesta pesquisa discorrer exaustivamente sobre o Movimento Negro e Movimento Negro Unificado, mas contextualizar a participação do Grupo Afro Agbara Dudu e a participação das “mulheres agbarenses” nesse importante movimento social na cidade do Rio de Janeiro.

A participação do Grupo Afro Agbara Dudu no movimento negro unificado no Brasil remonta ao período de idealização do grupo no final da década de 70. Nesse período alguns membros do grupo participavam dos eventos do Movimento Soul Music

---

<sup>35</sup> Depoimento feito à autora em 2023.

do Brasil, através do Grupo Alma Negra<sup>36</sup>, durante as apresentações em bailes, *show* realizados nas escolas de samba e clubes cariocas.

Entretanto, a história do Movimento Negro remonta ao início do século 20, tomando corpo nos anos 30 com criação da Frente Negra Brasileira (FNB) movimento constituindo no bairro da Liberdade na cidade de São Paulo. O movimento reivindicava a incorporação do negro na sociedade brasileira, por meio de um projeto político de inclusão. No final dos anos 30, foi registrado como partido político, porém em 1937 com o decreto de Getúlio Vargas, suas atividades foram interrompidas devido ao seu fechamento (BARBOSA, 2020).

O Movimento Negro, segundo Santos (1994) pode ser definido como sendo

(...) todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo, fundadas e promovidas por pretos e negros (...). Entidades religiosas, assistenciais, recreativas, artísticas, culturais e políticas; e ações de mobilização política, de protesto anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e ‘folclóricos’ – toda essa complexa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro (SANTOS, 1994, p. 157).

Nilma Gomes (2017) ratifica MN como “as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade” (GOMES, 2017, p. 23).

Nos anos 40, “temos o protagonismo do Teatro Experimental do Negro - TEN e da União dos Homens de Cor - UHC. No final da década de 70 surge o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial - MNUDCR.” (SANTOS, 2021, p. 112), posteriormente denominado Movimento Negro Unificado - MNU (PEREIRA, 2020).

De acordo com Pereira (2020) o MNU surge sob forte influência dos movimentos sociais que ocorriam no Estados Unidos (EUA), através das organizações conhecidas como Panteras Negras e ANC, com influências do TEN e da Frente Negra Brasileira, bem como, influências dos quilombos e terreiros de Candomblé existentes no

---

<sup>36</sup> Grupo de Soul Music que nos anos 70 se consagrou durante o Movimento Soul Music, onde gêneros soul e o funk foram representantes da cena da música *black* no Brasil e passaram a ser veiculados nos bairros da cidade do Rio de Janeiro. Nessa época surgiram também as equipes de som, que disputavam quem possuía o melhor equipamento de som, em relação a potência do som. O Movimento Soul Music como território, buscou a valorização da negritude, formas de combater o racismo, com implicações para a produção de conteúdo cultural local (VAN HAANDEL, 2022)

Brasil. O MNU propõe ainda, a unificação dos grupos e entidades que lutavam contra o racismo, em âmbito nacional, fortalecendo a identidade político do Movimento Negro. Dentre os fundadores “destacam-se a pesquisadora negra Lélia Gonzalez e o escritor negro Abdias do Nascimento<sup>37</sup>” (BONFIM, 2022, p. 283).

Tal colaboração do MNU sensibilizou diversas áreas de atuação não negros para a discussão sobre racismo. Segundo Lélia Gonzalez, o Movimento Negro Unificado “surgiu no ano de 1978, com caráter político contra a Discriminação Racial, tendo como objetivo mobilizar, organizar o povo para luta contra a superexploração dos brancos”. (GONZALEZ, 2020, p. 37).

Nos anos 80 são criados canais de denúncia contra o racismo e nos anos 90 criada a agenda de política racial, que é “conjunto de propostas de ação e de políticas públicas demandadas principalmente pelos movimentos negros ao Estado ou construídas a partir da relação entre estes atores” (SANTOS, 2021, p. 123). Outro marco importante dos anos 90 foi a “Marcha Zumbi dos Palmares Pela Cidadania e a Vida” realizada por diversas organizações em Brasília (SANTOS, 2021, p. 121).

O MNU por meio das suas atividades, contribuiu e contribui na luta antirracista, anticolonialista e colabora para uma construção de uma consciência contra o racismo estrutural, fortalecendo a identidade negra, valorização dos saberes.

As escolas de samba, os blocos afro, os centros recreativos, terreiros de candomblé e umbanda, os bailes *blacks* dos anos 70 e 80, os concursos de beleza negra e um sem número de expressões culturais negras das mais diferentes regiões do país são exemplos da confluência entre cultura e política. Através de cantos, dança, expressões corporais e modos de se vestir os negos tentaram e tentam em diversos momentos criar formas que são ao mesmo tempo subjetivas e materiais de resistência ao racismo e aos valores hegemônicos da supremacia branca (SANTOS, 2021, p. 114)

Hélio de Assis<sup>38</sup>, recorda que no final da década de 70, O MNU não discutia o papel das mulheres negras na sociedade, não demonstravam nenhuma sensibilização para os temas como desigualdades de gênero, escolaridade das mulheres negras, feminicídio, dentre outros assuntos, pois tinha como foco inicial as questões trabalhistas e o racismo.

---

<sup>37</sup> Abdias Nascimento foi um dos fundadores do TEN, Senador, Deputado, escritor, militante e um dos fundadores do Movimento Negro Unificado (NASCIMENTO, 2014).

<sup>38</sup> Depoimento feito à autora em 2023.

Assim, as mulheres lutavam por seus ideais em movimentos feministas como o direito ao voto e educação, isoladamente. Nos anos 80 foi pauta feminina foi incorporada nos debates do Movimento Negro Unificado, em decorrência da participação expressiva das mulheres negras nos movimentos sociais.

Gonzalez (2020) acentua o apagamento e silenciamento das mulheres negras também pelos homens negros do Movimento Negro Unificado, marcado não só pela discriminação racial como também pelo machismo negro.

Nesse sentido, Carneiro (2003) salienta que

a consciência de que a identidade de gênero não se desdobra automaticamente em solidariedade racial intergênero conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil. O mesmo se pode dizer em relação à solidariedade de gênero intragrupo racial que conduziu as mulheres negras a exigirem que a dimensão de gênero se instituisse como elemento estruturante das desigualdades raciais na agenda dos Movimentos Negros Brasileiros (CARNEIRO, 2003, p. 120)

Sueli Carneiro (2003), mulher, negra, escritora, em “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”, ressalta o protagonismo das mulheres nos movimentos sociais, a luta por creches para seus filhos, descriminalização do aborto, igualdade salarial, alto índice de mortalidade materna no país, dentre outros temas correlatos, durante os anos 80, onde as mulheres negras, invisibilizadas, ora por não serem homens, ora por não serem mulheres brancas.

As mulheres negras, por séculos, buscaram alterar suas características, como cabelo, nariz, boca, alterando seus traços, a fim de alcançar o estereótipo branco, alisando seus cabelos com ferro quente, usando produtos para clarear suas peles.

Tulane Oliveira da Paixão em sua dissertação intitulada “A Comunidade como elo restaurador dos efeitos do racismo: reflexões a partir da vivência de uma mulher negra no bairro de Oswaldo Cruz na cidade do Rio de Janeiro” narra com emoção o reconhecimento e a sua identificação como mulher negra “agbareense” e cita a contribuição de Edna Alfredo como parâmetro de mulher na luta pela democracia, bem como um espelho a ser seguido

A conjunção entre presença, afetividade, repertório visual e artísticos pretos e ação/planejamento comum me fez experimentar que o pertencimento não

estava destituído da luta. Eu me sentia mais negra e isso era uma vitória para quem um dia desejou não existir pelo mesmo motivo. Me sentir mais negra, nessa etapa, era me sentir cheia de vida, de força, de vontade e de poder. Poder de realização. Quando ouvia Alcinea, Alcirene, Dinha e Edu contarem dos movimentos e das ações Agbarenses ao longo do tempo, meu corpo também se imbuía de impulso de movimento (PAIXÃO, 2022, p. 51).

Assim, percebe-se a representatividade, o reconhecimento político e a importância da mulher negra na reconstrução e ressignificação da memória do coletivo, da estrutura familiar e nesse sentido, entende-se a necessidade de intensificar o conhecimento sobre a memória afetiva e familiar de mulheres negras, focando nas oportunidades de igualdade, bem como, colocar em evidência o empoderamento e não apenas a pensar na dimensão política de suas ações.

#### **2.4 Grupo Afro Agbara Dudu: acervo, memória e patrimônio**

O Grupo Afro Agbara Dudu, realiza inúmeros eventos como vimos anteriormente. Alguns desses eventos contam com a cobertura da imprensa local, tendo divulgação ampla em diversos meios de comunicação, principalmente por meio de jornais.

Instituições de memória e salvaguarda, como a Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e a Fundação Nacional de Artes (Funarte), possuem em seus respectivos acervos, dossiês com recortes de jornais sobre o Grupo Afro Agbara Dudu e suas principais atividades noticiadas e divulgadas pela imprensa.

A FBN possui em sua hemeroteca, jornais que datam desde o início dos anos 80 até aos dias atuais. Ao realizar buscas em seu acervo digital durante o processo de levantamento de fontes para esta pesquisa, recuperou-se documentos com as expressões “Agbara Dudu”, “Noite da Beleza Negra”, “Pagode do Trem” e “Samba do Buraco do Galo”. Não se pesquisou informações sobre a FALP, visto que é um evento recente.

**Quadro 4:** Expressões de busca no catálogo FBN

<b>Período 1979-2022</b>	
<b>Expressão de busca</b>	<b>Resultados</b>

Agbara Dudu	147 artigos
Noite da Beleza Negra	41 artigos
Pagode do Trem	98 artigos
Samba do Buraco do Galo	1 artigos

Fonte: Elaborado pela autora. Dados obtidos em janeiro de 2022.

O dossiê Agbara Dudu que compõem o acervo Funarte não pôde ser quantificado e qualificado no período desta pesquisa em decorrência da reforma predial da Instituição, inviabilizando o acesso ao dossiê físico e a instituição não possui versão digitalizada.

Figura 15: Chuva atrapalha festa negra por morte de Zumbi



Fonte: Jornal do Brasil. Cidade Nacional. Ano 1982. Edição 00228. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_10&Pesq=agbara%20dudu&pagfis=8462](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_10&Pesq=agbara%20dudu&pagfis=8462). Acesso em: 20 mar. 2020.

Percebe-se a importância do Grupo Afro Agbara Dudu ao ter informações veiculadas por meio de dossiês ou jornais localizados nos acervos de duas importantes instituições de memória e cultura do Brasil.

Ainda sobre o Instituto Cultne<sup>39</sup>, possui centenas de produções sobre o Grupo Afro Agbara Dudu, entretanto consta em seu canal na rede Youtube 28 títulos de vídeos, documentários e espetáculos realizados pelo ou para o Grupo Afro Agbara Dudu em parceria com a Cultne<sup>40</sup>. Os 28 títulos recuperados estão divididos nas categorias Noite da Beleza Negra, Mulheres Negras, Radial Filó, Dança Afro, Charme Anos 80, Blocos Afros, Grupo Arruda, Shows e Eventos e Movimento Negro Contemporâneo, conforme tabela abaixo:

**Tabela 06:** Acervo Grupo Afro Agbara Dudu - Cultne

<b>Categoria</b>	<b>Código de identificação</b>	<b>Título</b>	<b>Descrição</b>	<b>Link</b>
<b>Noite da Beleza Negra Agbara Dudu</b>	EP01 a EP10	10 <sup>a</sup> Noite da Beleza Negra	Evento com dança, dança afro, poesias, desfile e apresentações relacionada a cultura africana e afro-brasileira	<a href="https://acervo.cultne.tv/movimentos-sociais/movimento-negro/280/noite-da-beleza-negra-agbara-dudu">https://acervo.cultne.tv/movimentos-sociais/movimento-negro/280/noite-da-beleza-negra-agbara-dudu</a>
<b>Mulheres Negras</b>	T1EP02	Julho das Pretas – Você sabia?	Julho das Pretas na Cultne TV relembra grandes nomes como Antonieta de Barros, Beatriz Nascimento, Vera Mendes do Agbara Dudu, Lélia Gonzalez e Ruth de Souza. Narrado por Filó Filho.	<a href="https://acervo.cultne.tv/movimentos-sociais/mulher-negra/244/mulheres-negras/video/2897/julho-das-pretas-voce-sabia">https://acervo.cultne.tv/movimentos-sociais/mulher-negra/244/mulheres-negras/video/2897/julho-das-pretas-voce-sabia</a>
<b>Radial Filó</b>	T1P08	Agbara Dudu - Radial Filó – pt1	Apresentação do Bloco Agbara Dudu em 1988, gravado no programa Radial Filó na extinta TV Rio, canal 13.	<a href="https://acervo.cultne.tv/especiais-cultne/televisao/268/radial-filo/video/533/agbara-dudu-radial-filo-pt-1">https://acervo.cultne.tv/especiais-cultne/televisao/268/radial-filo/video/533/agbara-dudu-radial-filo-pt-1</a>

<sup>39</sup> O Instituto Cultne é uma organização sem fins lucrativos que disponibiliza o seu acervo de cultura e produção intelectual negra, desde 1980, e possui como eixos temáticos memória, história, cultura, educação e comunicação.

<sup>40</sup> Disponível em: [www.youtube.com/c/Cultne/search?query=agbara](http://www.youtube.com/c/Cultne/search?query=agbara). Acesso em: 10 de março de 2022.



<b>Dança Afro</b>	EP8	Dança Afro – Rita e Gina Agbara Dudu	As bailarinas Rita Monteiro e Gina Macieira deram um show durante a festa da Beleza Negra do Bloco Afro Agbara Dudu, na quadra da Imperatriz Leopoldinense.	<a href="https://acervo.cultne.tv/cultura/danca/6/danca-afro/video/685/danca-afro-rita-e-gina">https://acervo.cultne.tv/cultura/danca/6/danca-afro/video/685/danca-afro-rita-e-gina</a>
<b>Radial Filó</b>	T1EP9	Agbara Dudu – Radial Filó – pt2	Apresentação do Bloco Agbara Dudu em 1988, gravado no Programa Radial Filó na extinta TV Rio, canal 13.	<a href="https://acervo.cultne.tv/especiais-cultne/televisao/268/radial-filo/video/534/agbara-dudu-radial-filo-pt2">https://acervo.cultne.tv/especiais-cultne/televisao/268/radial-filo/video/534/agbara-dudu-radial-filo-pt2</a>
<b>Charme anos 80</b>	T1EP20	Charme anos 80 – Luminosidad e negra	Na 5ª Noite da Beleza Negra do Bloco Afro Agbara Dudu realizado no dia 20 de julho de 1985, o Movimento Charme se fez presente com o desfile do Grupo Luminosidade Negra composto por modelos e manequins negros sob o comando da Prof. Anailda Charmite que desfilaram para o público presente.	<a href="https://acervo.cultne.tv/musica/charme/197/charme-anos-80/video/1738/charme-anos-80-luminosidade-negra">https://acervo.cultne.tv/musica/charme/197/charme-anos-80/video/1738/charme-anos-80-luminosidade-negra</a>
<b>Blocos Afro</b>	T2EP4	Agbara Dudu – Dança	Enugbarijô com imagens de Vik e Adauto registraram a apresentação do Grupo Afro Agbara Dudu no I Encontro de Joven e Periferia em 19 de outubro de 1985, organizado pela a ASSEAF – Associação de Ex-alunos da Fundação Nacional de Bem – Estar do Menor, FUNABEM. Participaram desta apresentação as jovens dançarinas lideradas por Rita Monteiro e Gina e na percussão Gabriel Lopes e Raimundo Santa Rosa.	<a href="https://acervo.cultne.tv/musica/carnaval/52/blocos-afro/video/1092/agbara-dudu-danca">https://acervo.cultne.tv/musica/carnaval/52/blocos-afro/video/1092/agbara-dudu-danca</a>
<b>Blocos Afro</b>	T2EP8	Deusa do Ébano Órúnmilà	Bloco Órúnmilà realizou em 19/1/2010 o Concurso de Beleza Negra Deusa do Ébano. Participação do Grupo Afro Agbara Dudu.	<a href="https://acervo.cultne.tv/musica/carnaval/52/blocos-afro/video/442/deusa-do-ebano-orunmila">https://acervo.cultne.tv/musica/carnaval/52/blocos-afro/video/442/deusa-do-ebano-orunmila</a>

<b>Blocos Afro</b>	T3EP4	IV Noite da Beleza Negra	Ras Adauto da Enugbarijó entrevista os convidados na festa da IV Noite da Beleza Negra do Bloco Afro Agbara Dudu em 1986.	<a href="https://acervo.cultne.tv/musica/carnaval/52/blocos-afro/video/447/iv-noite-da-beleza-negra">https://acervo.cultne.tv/musica/carnaval/52/blocos-afro/video/447/iv-noite-da-beleza-negra</a>
<b>Blocos Afro</b>	T3EP5	Lafond e Veluma no Agbara Dudu	A Enugbarijô registrou a Noite da Beleza Negra do Bloco Afro Agbara Dudu, na quadra da Imperatriz Leopoldinense em 1987.	<a href="https://acervo.cultne.tv/musica/carnaval/52/blocos-afro/video/690/lafond-e-veluma-no-agbara-dudu">https://acervo.cultne.tv/musica/carnaval/52/blocos-afro/video/690/lafond-e-veluma-no-agbara-dudu</a>
<b>Blocos Afro</b>	T3EP16	Rita Monteiro & Agbara Dudu de Vera Mendes	A bailarina Rita Monteiro do Agbara Dudu em apresentação do percussionista Repolho com o Ubandu do Reggae no Magia Tropical 1986.	<a href="https://acervo.cultne.tv/musica/carnaval/52/blocos-afro/video/1113/rita-monteiro-38-agbara-dudu-de-vera-mendes">https://acervo.cultne.tv/musica/carnaval/52/blocos-afro/video/1113/rita-monteiro-38-agbara-dudu-de-vera-mendes</a>
<b>Blocos Afro</b>	T3EP19	Soul Agbara Dudu homenagem a equipe Alma Negra	Cultne registrou com imagens e edição de Filó Filho o evento Soul Agbara Dudu em seu quilombo urbano em 2018.	<a href="https://acervo.cultne.tv/musica/carnaval/52/blocos-afro/video/2412/soul-agbara-dudu-homenagem-a-equipe-alma-negra">https://acervo.cultne.tv/musica/carnaval/52/blocos-afro/video/2412/soul-agbara-dudu-homenagem-a-equipe-alma-negra</a>
<b>Blocos Afro</b>	T3EP20	Soul Guanabara – Agbara Dudu	Cultne registrou com edições de Filó Filho o evento Soul Agbara Dudu em seu quilombo urbano em 2018.	<a href="https://acervo.cultne.tv/musica/carnaval/52/blocos-afro/video/2653/soul-guanabara-agbara-dudu">https://acervo.cultne.tv/musica/carnaval/52/blocos-afro/video/2653/soul-guanabara-agbara-dudu</a>
<b>Grupo Arruda</b>	T2EP18	Serginho Meriti & Samba da Arruda pt2	Sérgio Meriti, nascido em São João Meriti, militante da cultura negra, compositor e cantor participou do movimento afro nas Noites da Beleza do Bloco Afro Agbara Dudu.	<a href="https://acervo.cultne.tv/musica/samba/204/grupo-arruda/video/1440/serginho-meriti-38-samba-da-arruda-pt2">https://acervo.cultne.tv/musica/samba/204/grupo-arruda/video/1440/serginho-meriti-38-samba-da-arruda-pt2</a>
<b>Shows e Eventos</b>	T2EP19	Serginho Meriti no Agbara Dudu	Apresentação do cantor na Noite da Beleza Negra na quadra da Imperatriz Leopoldinense em 1987.	<a href="https://acervo.cultne.tv/musica/pop-mpb/58/shows-e-eventos/video/691/serginho-meriti-no-agbara-dudu">https://acervo.cultne.tv/musica/pop-mpb/58/shows-e-eventos/video/691/serginho-meriti-no-agbara-dudu</a>
<b>Shows e Eventos</b>	T3EP1	XII Noite da Beleza Negra – Grupo Raça Negra pt1	Show do Grupo Raça Negra na 12ª Noite da Beleza Negra em 1993 na quadra da Escola Beija-Flor de Nilópolis.	<a href="https://acervo.cultne.tv/musica/afro/53/shows-e-eventos/video/1622/xii-noite-da-beleza-negra-grupo-raca-negra-pt1">https://acervo.cultne.tv/musica/afro/53/shows-e-eventos/video/1622/xii-noite-da-beleza-negra-grupo-raca-negra-pt1</a>

<b>Shows e Eventos</b>	T3EP2	XII Noite da Beleza Negra – Grupo Raça Negra pt2	Show do Grupo Raça Negra na 12ª Noite da Beleza Negra em 1993 na quadra da Escola Beija-Flor de Nilópolis.	<a href="https://acervo.cultne.tv/musica/afro/53/shows-e-eventos/video/1623/xii-noite-da-beleza-negra-grupo-raca-negra-pt2">https://acervo.cultne.tv/musica/afro/53/shows-e-eventos/video/1623/xii-noite-da-beleza-negra-grupo-raca-negra-pt2</a>
<b>Shows e Eventos</b>	T3EP3	XII Noite da Beleza Negra – Grupo Raça Negra pt3	Show do Grupo Raça Negra na 12ª Noite da Beleza Negra em 1993 na quadra da Escola Beija-Flor de Nilópolis.	<a href="https://acervo.cultne.tv/musica/afro/53/shows-e-eventos/video/1624/xii-noite-da-beleza-negra-grupo-raca-negra-pt3">https://acervo.cultne.tv/musica/afro/53/shows-e-eventos/video/1624/xii-noite-da-beleza-negra-grupo-raca-negra-pt3</a>
<b>Movimento Negro Contemporâneo</b>	T6EP4	Medalha Tiradentes – Raimundo Santa Rosa	Compositor, pedagogo, fotógrafo, militante, integrante do Grupo Afro Agbara Dudu nos anos 80 homenageado na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro – ALERJ.	<a href="https://acervo.cultne.tv/movimentos-sociais/movimento-negro-contemporaneo/video/253/medalha-tiradentes-raimundo-santa-rosa">https://acervo.cultne.tv/movimentos-sociais/movimento-negro-contemporaneo/video/253/medalha-tiradentes-raimundo-santa-rosa</a>

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nas informações disponibilizadas no site Cultne. Disponível em:

<https://acervo.cultne.tv/busca>

No site do Grupo Afro Agbara Dudu é possível recuperar em formato digital algumas fotografias, cartazes, vídeos de algumas de suas atividades, tais como, oficinas de leitura, capoeira, jongo, percussão, RAP, música, dança, história da África, dentre outros, divulgados nos posts dos principais eventos.

A imprensa local compartilha e dissemina informações sobre as datas em que ocorrem os debates sobre as questões raciais, discriminação, reparação da escravidão e colabora com o Grupo Afro Agbara Dudu na promoção dos seus encontros, reflexões aprofundadas, que buscam demonstrar a importância dessa discussão no âmbito político, acadêmico e institucional.

Assim podemos considerar o Grupo Agbara Dudu, também como um lugar de memória afro-brasileiro que contribui como patrimônio cultural brasileiro.

[...] os lugares de memória tenderão a desempenhar um duplo papel, servindo, de um lado, para salvar do esquecimento antigas tradições, e oferecendo, por outro lado, um contraponto necessário e desejável para a ação dos homens num mundo em permanente transformação e mudança [...] (ABREU, 1996, p. 202-203).

Por meio dos eventos realizados e apoiados por outras entidades de classes e organizações, observa-se o fortalecimento do grupo e a contribuição para construção de novas narrativas, novas formas de pensar no combate ao racismo, intolerância religiosa, discriminação contra a mulher, xenofobia, objetivando dar visibilidade às desigualdades, silenciamento, esquecimento e omissões de determinados grupos sociais e raciais, o resgate, preservação e elevação da cultura afro-brasileira.

Além das atividades que desenvolvem, o Grupo Afro Agbara Dudu possui em sua sede, uma coleção formada por livros, revistas, cds, fotografias, recortes de jornais que citam o Grupo, cartazes, e alguns objetos tridimensionais que são utilizados em eventos, além dos instrumentos musicais, tratados de forma orgânica e domiciliar.

O desenvolvimento da sua coleção é realizado por meio de doações e/ou compra por membros ou simpatizantes do Grupo Afro Agbara Dudu.

De acordo com o presidente Elias Alfredo<sup>41</sup>, existe a ideia de um projeto de criação de uma sala de leitura, onde serão catalogados, indexados e preparados para consulta e empréstimos todos os itens da coleção existentes na sede e nas redes sociais e que poderia subsidiar a criação do projeto de apoio e reforço escolar aos jovens estudantes da comunidade ao entorno da sede.

A recuperação das informações contidas nas coleções do acervo é feita de forma local e manual, sem auxílio de ferramentas tecnológicas.

A promoção, disseminação e divulgação das atividades e desenvolvimento do seu acervo, ocorre através dos encontros em sua sede, nas redes sociais, tais como Facebook, site, *Instagram*, imprensa e redes de parceiros.

O território do Grupo Afro Agbara Dudu, enquanto espaço de memória não formal, é constituído por bens de natureza material, formado por acervos arquivísticos, bibliográficos e objetos tridimensionais, sendo também um lugar de fala.

O patrimônio de uma instituição (seja bibliográfico e/ou documental), de uma área específica, de um bairro, de uma cidade ou mesmo do país inteiro vão além das características de raridade. Como dito anteriormente, é necessário sempre situar nosso lugar de fala. (SILVA, ACHILLES e AZEVEDO, 2020, p. 12)

---

<sup>41</sup> Depoimento realizado à autora em 2020.

O Grupo Afro Agbara Dudu ao preservar as tradições afro-brasileiras em seu território, por meio da dança, música, comidas, histórias contadas dos mais velhos para os mais novos, transmitindo sua herança cultural de geração para geração, pode ser considerado também patrimônio cultural de natureza imaterial, conforme definido na Constituição de 1988.

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; [...] (BRASIL, 1988, art. 216)

Oliveira (2019) menciona que o Grupo Afro Agbara Dudu, pelas suas características, também pode ser considerado uma referência cultural de matriz africana e afro-brasileira na cidade do Rio de Janeiro.

Ainda de acordo com Oliveira (2019) a “diversidade da produção material, dos sentidos e dos valores atribuídos pelos sujeitos aos bens e práticas sociais instituídas por eles próprios” (OLIVEIRA, 2019, p. 03) permitem que o território do Grupo Afro Agbara Dudu invoque o coletivo e a pluralidade da representatividade.

Ainda, Sant’Anna (2003) discorre que

O registro corresponde a identificação e a produção de conhecimento sobre o bem cultural de natureza imaterial e equivale a documentar, pelos meios técnicos mais adequados, o passado e o presente dessas manifestações, em suas diferentes versões, tornando tais informações amplamente acessíveis ao público. O objetivo é manter o registro da memória desses bens culturais e de sua trajetória no tempo, porque assim se pode preservá-los. (SANT’ANNA, 2003, p. 55).

Segundo o professor Otair Fernandes de Oliveira, em referências de matriz africana e afro-brasileira, no caso do Grupo Afro Agbara Dudu, não seria prudente considerar sua natureza como material ou imaterial, visto que um não existe sem o outro nos casos de patrimônio cultural afro-brasileiro<sup>42</sup>. Corroborando com esta linha, autores como CANCLINI, 1999; PRATS, 1998, YAZIGI, 2003 que são referências em estudos sobre patrimônio imaterial, destacam a importância desse elo entre o intangível e tangível, não existindo sentido em sua segregação.

---

<sup>42</sup> Depoimento feito à autora em 2022.

## 2.5 Registro Instituto Estadual do Patrimônio Cultural - INEPAC

Em 1975 foi criado o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural - INEPAC proveniente da Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Guanabara, que tem a função de prestar assessoria técnica à administração do Estado brasileiro, desenvolver projetos para salvaguardar os bens de natureza material e imaterial no Rio de Janeiro, não obrigatoriamente tendo a função de tombamento (LOUVAIN, 2015).

Durante a coleta de fontes para a presente proposição, a autora entrou em contato com o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, em busca de informações sobre o Grupo Afro Agbara Dudu onde foi informado que o bloco do Grupo Afro Agbara Dudu encontra-se em processo de mapeamento dos Blocos Afro e Afoxés do Rio de Janeiro que serão registrados como patrimônio cultural imaterial da cidade do Rio de Janeiro pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC)<sup>43</sup>.

O Grupo Afro Agbara Dudu foi citado por praticamente todos os blocos e grupos de afoxés que participaram do processo junto ao INEPAC no período de 2019-2022 e em decorrência desta citação, o INEPAC considerou pertinente realizar um contato com o presidente do Grupo Elias Alfredo para maiores informações para arrolar como manifestações culturais no inventário a ser realizado.

Para o Grupo Afro Agbara Dudu, ser reconhecido pelo INEPAC apenas como um bloco afro que possui atividades durante o período de carnaval na cidade do Rio de Janeiro não é interessante.

Originalmente surgiu como bloco em decorrência da não aceitação da cultura negra nos blocos que existiam nos anos 70 na cidade do Rio de Janeiro, como forma de negativa ao padrão existente no período, incorporando nos símbolos da cultura africana durante o Carnaval. Com os anos, foram incorporadas novas atividades do Grupo, fazendo com que o “Bloco” se tornasse um eixo do Grupo e não a atividade principal.

Assim, o Grupo Afro Agbara Dudu vai além de um bloco, é um grupo cultural que também se reconhece como um quilombo urbano, pelo seu caráter de resistência, luta contra a invisibilidade do povo negro e de sua cultura. O Grupo luta pela valorização da cultura negra, contra o racismo, por meio das atividades e eventos que são oferecidos à comunidade.

---

<sup>43</sup> Ata de reunião realizada no dia 04/01/2022 entre a autora e membros INEPAC (ANEXO 02)

Tal discussão leva a outros debates que não iremos adentrar nesta pesquisa, banalização do patrimônio e a invisibilidade e apagamento das culturas do povo negro.

### **CAPÍTULO III – PROPOSTA DE UM PLANO ESTRATÉGICO VISANDO PRESERVAR O PATRIMÔNIO DO GRUPO AFRO AGBARA DUDU**

“O patrimônio, como recurso do desenvolvimento local, não pode ser visto fora dos ritmos da sociedade local” (VARINE, 2012)

Neste capítulo pretende-se apresentar a proposição de um plano de gestão estratégico visando preservar o patrimônio do grupo Afro Agbara Dudu, que é um espaço de construção de memória, que luta contra o racismo e preserva os saberes ancestrais. Neste capítulo será realizado um diagnóstico utilizando a metodologia *SWOT*, que objetiva evidenciar os pontos fortes, fracos, oportunidades de melhorias e ações que possam permitir delinear estratégias para preservar seu patrimônio e apresentar sugestões de instrumentos para preservação do seu patrimônio. Dessa forma, espera-se contribuir para construção de um instrumento para o Grupo através desta proposta.

#### **3.1 Diagnóstico estratégico do Grupo Afro Agbara Dudu**

O diagnóstico é um instrumento de gestão que permite levantar, identificar, analisar os pontos fortes e os pontos fracos, recursos existentes, tecnologias, sendo basilar para um planejamento estratégico em qualquer ambiente. “É usualmente a primeira das etapas no processo de planejamento, sem o qual, não é possível traçar as metas e objetivos ou estabelecer a situação desejada” (SILVA, 2014, p.06).

Assim, todo planejamento deve partir de um diagnóstico onde a realidade é retratada, evidenciando os pontos positivos e os pontos que precisam de melhorias.

Para realizar o diagnóstico estratégico do Grupo Afro Agbara Dudu, foi realizada uma pesquisa por meio de questionário em rede social Facebook com respondentes voluntários, visitas in loco a sede e eventos do Grupo e utilização da ferramenta *SWOT* que significa *Strengths*, *Weaknesses*, *Opportunities* e *Threats*. Também conhecida, na língua portuguesa, por matriz FOFA - Força, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças.



De acordo com Chiavenato (2010)

É uma ferramenta de planejamento estratégico que busca diagnosticar as forças e fraquezas internas (FF), bem como as oportunidades e ameaças externas (OA). A análise FF/AO é baseada na presunção de que o administrador deve identificar e avaliar cuidadosamente as forças e fragilidades da organização com as oportunidades e ameaças do ambiente externo para formular uma estratégia que compatibilize aspectos internos e externos de modo a assegurar o sucesso organizacional. Nesse sentido, aproveitam-se as forças internas e as oportunidades externas, ao mesmo tempo em que se corrigem as fragilidades internas e se neutralizam as ameaças externas. (CHIAVENATO, 2010, p. 586)

Esta ferramenta possibilita conhecer e melhorar os pontos fortes de forma assertiva, eliminar os pontos considerados fracos, identificar oportunidades internas e externas, evitar potenciais ameaças e elaborar um plano de gestão mais estratégico, possibilitando à instituição uma visão holística com base nas informações obtidas.

Oliveira (1992) salienta que, “os pontos fortes e fracos compõem a análise interna da empresa, enquanto as oportunidades e ameaças compõem sua análise externa” (OLIVEIRA, 1992, p. 73).

Para elaboração da matriz *SWOT*, utilizou-se como metodologia os registros das informações coletadas durante as visitas, participações em eventos do Grupo e observações feitas pela pesquisadora.

**Quadro 05:** *SWOT* Global Grupo Afro Agbara Dudu

	<b>FORÇAS</b>	<b>FRAQUEZAS</b>
<b>ANÁLISE INTERNA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Participação expressiva da comunidade local nos eventos</li> <li>● Localização física da sede é de fácil acesso</li> <li>● Participação e forte apoio dos membros em atividades externa a sede</li> <li>● Membros ativos desde a criação do Grupo</li> <li>● Realização de projetos educativos na sede e instituições externa</li> <li>● Realização de eventos político-social com apoio de artistas, políticos, docentes das variadas classes sociais</li> <li>● Espaço de resistência da cultura afro-brasileira</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Falta de registros das atividades</li> <li>● Recursos financeiros limitados para planejamento orçamentário anual</li> <li>● Imóvel da sede alugado</li> <li>● Divulgação orgânica dos eventos e atividades realizadas</li> <li>● Ausência de planejamento de preservação e conservação dos bens materiais</li> <li>● Ausência de planejamento de preservação dos saberes do Grupo</li> <li>● Ausência de registros da produção artística do Grupo</li> <li>● Ausência de controle dos itens</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Representante no Movimento Negro Unificado na cidade do Rio de Janeiro</li> <li>● Espaço de conscientização e valorização das tradições africanas e afro-brasileiras na cidade do Rio de Janeiro</li> <li>● Referência cultural na zona norte cidade do Rio de Janeiro</li> <li>● Potencialidade turística</li> </ul>	<p>dos acervos arquivístico, bibliográfico e museológico</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● Ausência de planejamento de backup do acervo disponibilizado em redes sociais</li> <li>● Não continuidade dos projetos</li> <li>● Descontinuidade da Direção</li> </ul>
<b>ANÁLISE EXTERNA</b>	<b>OPORTUNIDADES</b>	<b>AMEAÇAS</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Movimento de valorização da cultura afro-brasileira pela sociedade</li> <li>● Abertura de editais de fomento à cultura, educação e esporte</li> <li>● Incentivo por parte do Estado a empresas para apoio e patrocínio de projetos educacionais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Perda do acervo disponibilizado digitalmente em redes sociais</li> <li>● Mudanças tecnológicas</li> <li>● Falta de recursos financeiros para produção de novas atividades</li> <li>● Risco de mudança do espaço físico da sede</li> <li>● Risco de perda dos ativos e sua memória</li> <li>● Risco de perda dos bens materiais que compõem a coleção física</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Com base na análise global do Grupo Afro Agbara Dudu observa-se a preocupação com a comunidade local, as parcerias com instituições de ensino, organizações não governamentais, instituições públicas, grupos culturais, valorização e ressignificação da cultura afro-brasileira e a preservação do patrimônio material e imaterial, além do objetivo de “ valorizar, enaltecer e propagar a cultura afro-brasileira, a partir da sua musicalidade, danças, vestimentas, comidas, encontros de trocas e principalmente da coletividade.”<sup>44</sup>

<sup>44</sup> 40 anos de Agbara Dudu no Madureira de Portas Abertas. Disponível em: <https://www.anf.org.br/40-anos-agbara-dudu-no-madureira-de-portas-abertas/>.

**Figura 16:** Grupo Afro Agbara Dudu



Fonte: Facebook. Disponível em: [https://www.Facebook.com/grupoafroagbaradudu/?locale=pt\\_BR](https://www.Facebook.com/grupoafroagbaradudu/?locale=pt_BR)

Desta forma, para melhor subsidiar a elaboração do planejamento estratégico, percebeu-se a necessidade de desmembramento da análise também por eixos temáticos: Acervo físico, Acervo digital, Eventos e Atividades.

### 3.1.1 Acervo físico

**Quadro 06:** SWOT Acervo físico do Grupo Afro Agbara Dudu

	<b>FORÇAS</b>	<b>FRAQUEZAS</b>
<b>ANÁLISE</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aquisição de livros e revistas por doação de livrarias, editoras e membros do Grupo</li> <li>• Espaço para acondicionamento dos títulos</li> <li>• Acervo fotográfico impresso em álbuns</li> <li>• Clipping de notícias impresso</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Risco de extravios dos itens das coleções</li> <li>• Perda da memória organizacional</li> <li>• Dificuldade em localização física dos títulos</li> </ul>

<b>INTERNA</b>	<p>em jornais acondicionadas em álbuns</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● Sala destinada à leitura na sede</li> <li>● Empréstimos para os membros</li> <li>● Instrumentos musicais para as aulas oferecidas pelos cursos e oficinas ministradas na sede</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Dificuldade na recuperação do conteúdo dos títulos</li> <li>● Risco de deterioração dos instrumentos musicais, roupas e objetos tridimensionais</li> <li>● Risco de danos as fotografias e clipping de notícias devido o acondicionamento inadequado em álbuns</li> </ul>
<b>ANÁLISE EXTERNA</b>	<b>OPORTUNIDADES</b>	<b>AMEAÇAS</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Incentivo à cultura e educação pelo Estado</li> <li>● Editais de fomento</li> <li>● Parcerias com instituições públicas e privadas.</li> <li>● Políticas públicas</li> </ul>	<p>Tecnologia de recuperação da informação e conteúdo inadequados</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>● Sinistro por incêndio</li> <li>● Falta de investimento</li> <li>● Risco de sinistro de incêndio no espaço físico</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora.

O Grupo Afro Agbara Dudu possui em sua sede um espaço físico é uma casa alugada, de fácil acesso localizado no bairro de Oswaldo Cruz, formado por cozinha, sanitário para os membros, área externa, sala de recepção, dois cômodos onde são acondicionados e distribuídos o acervo físico. Não há sensores de incêndio e câmeras de monitoramento de segurança.

Em relação a acessibilidade, não há na casa rampa de acesso, sinalização em *braille* para pessoas com dificuldades de locomoção e/ou baixa ou nenhuma visão. Também não há controle de climatização do ambiente.

O acervo é diverso, formado por coleção bibliográfica composta por livros, folhetos e revistas; coleção iconográfica, composta por fotografias, cartazes, *folders* em papel e eletrônico; coleção audiovisual composta de vídeos, gravações em fitas VHS (*Video Home System*), cassete, coleção de objetos tridimensionais como quadros, roupas, instrumentos musicais.

**Figura 17:** Instrumento musical Afoxé



**Fonte:** Disponível em [https://www.Facebook.com/grupoafroagbaradudu/?locale=pt\\_BR](https://www.Facebook.com/grupoafroagbaradudu/?locale=pt_BR)

O estado de conservação do acervo físico é entre boa a regular, acomodado em mobiliário não padronizado, sem controle de temperatura e umidade do ar, que pode causar avarias no acervo, inviabilizando a preservação e conservação a longo prazo.

As coleções são consultadas localmente, por membros, pesquisadores, alunos dos cursos e oficinas que são ministradas na sede.

O empréstimo dos itens, quando solicitado, é feito manualmente, com autorização do presidente Elias Alfredo. O grupo não possui controle de empréstimos. Após o uso, a higienização e guarda dos itens é feito pelos membros do grupo.

O espaço físico não possui extintores de incêndio para casos de sinistro. Em casos de incêndios a orientação é acionar o corpo de bombeiros<sup>45</sup>.

### *3.1.2 Acervo digital*

---

<sup>45</sup> Depoimento do presidente Elias José Alfredo feito à autora em 2021.

O Grupo Afro Agbara Dudu possui um acervo digital formado por vídeos, fotografias, cartazes, folhetos, dos eventos que realiza e participa no Brasil e exterior, participações em shows, aulas, oficinas, manifestações políticas, inseridos em suas redes sociais Facebook, Instagram e Youtube.

A inserção dos itens é feita por membros e parceiros do Grupo, que realizam a curadoria digital das redes sociais. Não há planejamento de publicações semanal ou estudo temático de marketing do Grupo.

O desenvolvimento do acervo digital ocorre de forma orgânica, conforme demanda de eventos, produções desenvolvidas no decorrer do ano e movimentos sociais pautados em manifestações noticiadas em veículos de comunicação com repercussão nacional e internacional. As publicações não são recuperadas por sistemas informacionais de recuperação de conteúdo. A pesquisa é realizada manualmente postagem a postagem em cada rede social.

As redes sociais por permitirem maior interação social, conexão e interação em tempo real, passou a ter grande importância no marketing institucional se tornando uma ferramenta indispensável na atualidade. Entretanto, possui alguns pontos negativos, como a falta de *backup*, perda das informações produzidas e disponibilizadas. Santos e Flores (2015) salienta que

A evolução da tecnologia em ritmo acelerado provocou o fascínio da sociedade, e dessa forma, diversos setores incorporaram as ferramentas de tecnologias da informação a fim de executar suas atividades. Observa-se que a rápida expansão para o meio digital ocorreu sem mensurar os possíveis impactos desencadeados pela tecnologia, colocando parte significativa da memória social em risco. Logo, grandes volumes de documentos digitais podem ser perdidos devido às falhas de planejamento e a insuficiência de conhecimentos sobre os efeitos da obsolescência tecnológica. (SANTOS; FLORES, 2015, p. 202)

O Grupo Afro Agbara Dudu em parceria com a Cultne tem disponibilizado os vídeos dos eventos e atividades, após a conversão do formato do eletrônico para o digital, no site da Cultne.

**Quadro 07:** *SWOT* Acervo digital do Grupo Afro Agbara Dudu

	<b>FORÇAS</b>	<b>FRAQUEZAS</b>
<b>ANÁLISE INTERNA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Marketing e endomarketing ativos</li> <li>• Ampla divulgação dos eventos e atividades</li> <li>• Acesso externo a sede</li> <li>• Acessibilidade de pessoas com necessidades especiais</li> <li>• Diferencial cultural</li> <li>• Reconhecimento do Grupo em ampla escala</li> <li>• Geração de referenciais locais</li> <li>• Reconhecimento social</li> <li>• Maior proximidade da comunidade</li> <li>• Utilização de tecnologias remota</li> <li>• Utilização de plataformas on-line</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mudança tecnológica da área de T.I.</li> <li>• Falta de investimento financeiro</li> <li>• Dificuldade na preservação</li> <li>• Orçamento reduzido</li> <li>• Falta de equipamentos</li> <li>• descontinuidade dos projetos</li> <li>• Falta de operacionalização das redes sociais</li> </ul>
	<b>OPORTUNIDADES</b>	<b>AMEAÇAS</b>
<b>ANÁLISE EXTERNA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ampla divulgação e promoção do acervo</li> <li>• Utilização de Tecnologias open para disseminação do conteúdo e informação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de backup pelas redes sociais</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pela autora

**Figura 18:** Justiça por Moise Mugenyi - Manifesto Grupo Afro Agbara Dudu



**Fonte:** Facebook do Grupo Afro Agbara Dudu. Disponível em [https://www.Facebook.com/grupoafroagbaradudu/?locale=pt\\_BR](https://www.Facebook.com/grupoafroagbaradudu/?locale=pt_BR)

### 3.1.3 Eventos e Atividades

As atividades e os eventos do Grupo Afro Agbara Dudu são desenvolvidos organicamente. Os eventos Movimento Cultural Samba do Buraco do Galo (MCSBG), Noite da Beleza Negra, Pagode do Trem e Feira Afro Literária da Periferia (FALP), considerados uma das atividades do Grupo Afro Agbara Dudu, são planejados no início do ano letivo e se destacam pela periodicidade anual.

O planejamento dos eventos consiste em avaliar os recursos financeiros, humanos e tecnológicos disponíveis, potenciais parcerias com instituições públicas e privadas, disponibilidade de membros do Grupo para atuarem na organização de cada evento.

O recurso financeiro para as atividades e eventos é adquirido por meio de doações e patrocínio de comerciantes e parceiros.

Além dos eventos que ocorrem anualmente, ocorrem ainda outros eventos pontuais, como apoio a manifestações de cunho político, educacional e social. Com destaque, eventos oriundos dos movimentos sociais, com repercussão na mídia.



As atividades de oficinas, cursos, palestras ocorrem na sede, espaço públicos e em instituições públicas e/ou privadas. O Grupo realiza ainda, atividades educativas com crianças e adolescentes da rede pública de ensino que visitam a sede durante o ano letivo. O roteiro das ações educativas é realizado de acordo com a faixa etária e escolaridade.

Além das atividades educativas, o Grupo realiza também atividades socioeducacionais em presídios e escolas penitenciárias do sistema carcerário da cidade do Rio de Janeiro.

Tais atividades são registradas por meio de fotografias e vídeos realizados pelos membros e integrantes do Grupo, selecionadas e disponibilizadas nas redes sociais.

**Quadro 08:** *SWOT* Eventos e Atividades do Grupo Afro Agbara Dudu

	<b>FORÇAS</b>	<b>FRAQUEZAS</b>
<b>ANÁLISE INTERNA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Marketing e endomarketing ativos</li> <li>• Fortalecimento da imagem do Grupo</li> <li>• Diferencial cultural</li> <li>• Reconhecimento do Grupo em ampla escala</li> <li>• Geração de referenciais locais</li> <li>• Reconhecimento social</li> <li>• Maior proximidade da comunidade</li> <li>• Potencial turístico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dificuldade na preservação das tradições e saberes</li> <li>• Orçamento reduzido</li> <li>• Não continuidade do projeto</li> </ul>
	<b>OPORTUNIDADES</b>	<b>AMEAÇAS</b>
<b>ANÁLISE EXTERNA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Incentivo à cultura pelo Estado</li> <li>• Participação em editais de fomento</li> <li>• Elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mudanças tecnológicas</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pela autora.

**Figura 19:** Card Oficina de confecção de incensos naturais



**Fonte:** Facebook. Disponível em: <https://www.Facebook.com/grupoafroagbaradudu>

O calendário das principais atividades e eventos são disponibilizados nas redes sociais Facebook e Instagram e divulgados pelos membros, apoiadores e parceiros do Grupo, sendo a principal forma de marketing e endomarketing.

Como não há registro escrito das atividades pelo Grupo, as memórias do coletivo são acessadas por meio das lembranças, relatadas através da oralidade pelos membros que compõem o Grupo desde seu surgimento.

Todas as atividades contam com o apoio da comunidade fortalecendo a imagem do Grupo e possibilitando o reconhecimento do Grupo em escala ampla, possibilitando novas parcerias.

Os eventos realizados na sede movimentam o bairro de Oswaldo Cruz e adjacências, contribuindo para o enriquecimento local, por meio do turismo valorizando a região.

As redes sociais também funcionam como repositórios digitais, para registro e guarda da produção artística do Grupo. Não possui projeto de migração, *backup* e preservação digital. Possuem risco iminente de perda de todo conteúdo.

### **3.2 Proposta de plano estratégico de preservação do patrimônio do Grupo Afro Agbara Dudu**

O plano estratégico de preservação do patrimônio do Grupo Afro Agbara Dudu, pretende apresentar propostas de programas para preservação do patrimônio do Grupo Afro Agbara Dudu, baseado nas informações e diagnóstico.

Serão apresentadas 06 propostas de programas que visam subsidiar o plano estratégico, no qual torna esta proposição uma ferramenta de gestão para o Grupo Afro Agbara Dudu.

#### *3.2.1 Programa Institucional*

Entende-se programa institucional como um conjunto de ações que garantirão o alcance dos objetivos da instituição, que darão subsídios para a execução do plano estratégico. Assim, diante do quadro atual do Grupo Afro Agbara Dudu, propõe-se:

- Reestruturar o Estatuto vigente (1982);
- Rever Missão, Visão e Valores do Grupo;
- Estruturar atual do organograma interno;
- Formalizar parcerias com o poder público e/ou privado por meio de Acordos de Cooperação Técnica, Protocolos de Intenção, participação conjunta em projetos de fomento, dentre outros.

#### *3.2.2 Programa de preservação, gestão do acervo e pesquisa*

O Programa Acervo Grupo Afro Agbara Dudu deverá contemplar o acervo físico e digital das coleções bibliográficas, arquivístico e teor museológico, perpassando por políticas de desenvolvimento de coleções a acessibilidade dos itens.

Desta forma, sugerimos:

- a) Criar comissão de política de desenvolvimento do acervo físico e digital, incluindo política de aquisição e desbastamento.

- b) Realizar o estudo de viabilidade para definição de uma ferramenta para o tratamento técnico das coleções;
- c) Utilizar o instrumento conhecido por ficha de inventário de acervo para os itens tridimensionais que podem compor futuramente o acervo museológico, conforme recomendado pelo ICOM<sup>46</sup>.

### 3.2.3 Programa Inventário Participativo

O Programa Inventário Participativo do Grupo Afro Agbara Dudu tem como objetivo desenvolver um inventário participativo que deverá ser um instrumento de preservação e ação educativa, que possa viabilizar futuramente ao Grupo sua inscrição em um dos Livros de Registro como referência cultural<sup>47</sup> na cidade do Rio de Janeiro. Desta forma, sugerimos:

- Mapeamento participativo do Grupo Afro Agbara Dudu;
- Identificação e Documentação, incluindo entrevistas, fotografias, dentre outros, mantendo a integridade dos originais;
- Formação de equipes técnicas;
- Identificação dos atores que podem participar do inventário;
- Relacionar as fontes disponíveis;
- Montar planejamento das atividades das equipes;
- Elaboração das fichas de identificação dos bens;
- Definição dos critérios dos bens a serem inventariados;
- Descrever sucintamente os bens identificados;

---

<sup>46</sup> Declaração de Princípios de Documentação em Museus e Diretrizes Internacionais de Informação sobre Objetos de Museus: Categorias de Informação do Comitê Internacional de Documentação. Disponível em: <https://cidoc.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/6/2020/03/CIDOC-Declaracao-de-principios.pdf>.

<sup>47</sup> Utilizamos a definição de referências do IPHAN (2000). Segundo IPHAN (2000) referências são edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado: são as consideradas mais belas, são as mais lembradas, as mais queridas. São fatos, atividades e objetos que mobilizam a gente mais próxima e que reaproximam os que estão longe, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade, são o que popularmente se chama de raiz de uma cultura (IPHAN, 2000, p. 29).

- Sistematização e tabulação dos dados;
- Elaboração de relatório;
- Divulgação do relatório;
- Atualização do inventário.

#### *3.2.4 Programa Educação patrimonial*

O Programa Educação Patrimonial do Grupo Afro Agbara Dudu tem como objetivo valorizar o patrimônio como recurso do desenvolvimento local. Assim, sugerimos:

- Elaboração de estratégia de desenvolvimento local, incluindo turismo cultural;
- Elaboração de estratégia de valorização da cultura;
- Elaboração de plano de formação de agentes de ação patrimonial;
- Elaboração de planos de Salvaguardas.

#### *3.2.5 Programa Acessibilidade, Comunicação*

O Programa Acessibilidade, Comunicação e Pesquisas do Grupo Afro Agbara Dudu tem por objetivos dar acesso físico e digital às coleções e produções, promoção, divulgação e disseminação e incentivo à pesquisa do Grupo Afro Agbara Dudu. Desta forma, para alcançarmos os objetivos, sugerimos:

- Elaboração de projeto de implantação de ferramenta tecnológica em ambiente web para tratamento do acervo do Grupo Afro Agbara Dudu.
- Elaborar um projeto de criação de um repositório digital de entrevistas;
- Elaborar um projeto de criação de um repositório digital de para o acervo fotográfico;
- Elaborar um projeto de exposições físico e virtual;
- Elaborar planos de marketing;

### *3.2.6 Programa de Fomento*

O Programa de Fomento visa criar um plano estratégico para captação de recursos financeiros para o Grupo Afro Agbara Dudu. Deste modo, sugerimos:

- Elaborar um projeto de captação de recursos para execução do projeto;
- Acompanhar editais de patrocínio de projetos de instituições públicas e/ou privadas
- Consultar sites que disponibilizam informações sobre patrocínios de projetos por meio de leis de incentivos fiscais;
- Buscar parcerias com parlamentares para apoio via emenda parlamentar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi desenvolvida durante os anos de 2021 a 2023, período do ápice da pandemia causada pelo Corona Vírus SARS-CoV-2 (COVID19) que paralisou as atividades do Grupo Afro Agbara Dudu. Além da paralisação das atividades, alguns membros faleceram, inviabilizando a proposta inicial apresentada no processo seletivo para o mestrado, que era elaborar um inventário do acervo do Grupo Afro Agbara Dudu.

Com os falecimentos e a paralisação das atividades, deparamo-nos com algumas dificuldades para a coleta dos dados relacionados ao histórico do próprio Grupo, acesso ao acervo e membros.

Observou-se no decorrer do levantamento das fontes que o Grupo não possui um planejamento estratégico de gestão, nem programas de ações para a preservação de seu patrimônio. Desta forma mudou-se mais uma vez o objetivo desta proposição.

Assim, diante desse contexto, ao observar tais necessidades relacionadas à gestão do Grupo, conforme mencionado no diagnóstico global, somando-se a expertise em gestão da pesquisadora e interesse pelo tema, propôs-se elaborar um plano de gestão estratégica para preservação do patrimônio do Grupo Afro Agbara Dudu, tendo como foco propor soluções para os problemas identificados, evidenciar os pontos positivos, avaliar potenciais riscos e oportunidades de melhorias.

Ressaltamos que a proposição da criação do plano estratégico como instrumento de gestão, contribui para a valorização, promoção e disseminação do patrimônio do Grupo, passível de mudanças durante a utilização do produto. O produto pode contribuir para futuros projetos para a patrimonização desse espaço.

No primeiro capítulo desta dissertação buscamos apresentar o Grupo Afro Agbara Dudu, por meio de sua trajetória histórica, evidenciando a sua importância na cidade do Rio de Janeiro.

Na sequência buscamos apresentar as atividades do Grupo, sua contribuição com os movimentos sociais, protagonismo da mulher preta, a importância do seu acervo físico e digital e ausência do registro pelo INEPAC apenas do Bloco Afro Agbara Dudu como um dos blocos afro e de afexés da cidade do Rio de Janeiro e suas implicações na valorização do Grupo Afro Agbara Dudu.

No último capítulo, focamos em apresentar o diagnóstico global, utilizando a metodologia SWOT e propor o plano de gestão como instrumento, levando em consideração a peculiaridade do Grupo e seu valor enquanto patrimônio cultural afro-brasileiro.

Assim, reiteramos a necessidade de uma gestão mais estruturada de forma a subsidiar as tomadas de decisões, valorização e preservação dos bens e reconhecimento do Grupo Afro Agbara Dudu pela sociedade



## REFERÊNCIAS

### FONTES

BRASIL, Constituição do, de 5 de outubro de 1988, Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos; Brasília, 2011 Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 01 fev.2023.

### LIVROS

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**. Rio de Janeiro: Lapa; Rocco, 1996.

ADOLFO, Sérgio Paulo. O mito africano no cotidiano dos afrodescendentes. IN: **X Congresso Internacional de ALADAA: Cultura, Poder e Tecnologia: África e Ásia face à Globalização**, [2000]. Disponível em: <https://aladaainternacional.com/wp-content/uploads/O-mito-africano-no-cotidiano-dos-afro-brasileiros.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.

ALFREDO, José Elias. A resistência do samba nosso de cada dia, no subúrbio carioca. In: **Memórias, territórios, identidades: diálogos entre gerações na região da Grande Madureira**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. Disponível em: <https://morula.com.br/produto/memorias-territorios-identidades-dialogos-entre-geracoes-na-regiao-da-grande-madureira/>. Acesso em: 05 abr. 2021.

BARBOSA, Márcio. A Frente Negra Brasileira ousou um projeto político para o Brasil. In: **Movimento Negro Unificado a resistência nas ruas**. São Paulo: SESC: Fundação Perseu Abramo, 2020.

BONFIM, Marco Antonio Lima do. Pragmática cultural em perspectiva preta: raça, mandiga e saberes negro, linguísticos no Movimento Negro Unificado do Ceará. In: **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 23 (2), 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/43474/35426>. Acesso em: 10 dez. 2022.

CANCLINI, Néstor García. **Patrimônio etnológico: nuevas perspectivas de estudio**. Andalucía: Consejería de Cultura, 1999.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2004.

CARNEIRO, A. S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: **Racismos contemporâneos**.

Organização, Ashoka Empreendedores Sociais e Takano Cidadania. Rio de Janeiro: Takano Ed, 2003.

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração nos novos tempos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

CONCEITOS-CHAVE de Museologia. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013. Disponível em: [http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF\\_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf](http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf). Acesso em: 09 dez. 2022.

CUNHA, Washington Dener dos Santos. Samba, história e territorialidade: uma história da grande Madureira. In: **Memórias, territórios, identidades: diálogos entre gerações na região da Grande Madureira**. Rio de Janeiro : Mórula, 2019. Disponível em: <https://morula.com.br/produto/memorias-territorios-identidades-dialogos-entre-geracoes-na-regiao-da-grande-madureira/>. Acesso em: 05 abr. 2021.

DOSSIÊ das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro partido-alto samba de terreiro samba-enredo. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi-%20Matrizes%20do%20Samba.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2021.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

GOMES, Nilma. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMÉZ VERGARA, Karen Ruby. Que bloc é esse? Posicionamento do Bloco Ilê Aiyê no Carnaval de Salvador e o Movimento do Samba Reggae. In: REVISTA BRASILEIRA DO CARIBE, vol. 18, núm. 34, enero-junio, 2017, pp. 91-106. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1591/159152440006.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo. Vértice, 1990.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Manual do INRC**. Brasília: DPI/IPHAN, 2000. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual\\_do\\_INRC.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual_do_INRC.pdf). Acesso em: 22 fev. 2023.

LIMA, Valéria Catarina dos Santos. **Mãe Hilda Jitolu**: a trajetória de uma líder espiritual baiana. Salvador: Atena, 2014.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. Tradução de Letícia M. de Andrade. São Paulo: Senac, 2008.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Abdias Nascimento**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto história**. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica, 1993.

NUNES, Lucas Marinho Nunes. Uma aula de campo virtual na Grande Madureira - RJ: itinerários de educação patrimonial através da música popular. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019, Recife. **Anais [...]** Recife: ANPUH, 2019. Disponível: [https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/156470470\\_ARQUIVO\\_trabalhoSNH-LucasMarinhoNunes\(versaofinal\).pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/156470470_ARQUIVO_trabalhoSNH-LucasMarinhoNunes(versaofinal).pdf). Acesso em: 18 dez. 2022.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Planejamento estratégico**: conceitos, metodologias e práticas. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

OLIVEIRA, Otair Fernandes de. A cultura afro-brasileira como patrimônio cultural: reflexões preliminares. In: Encontros de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 15., 2019. Salvador. **Anais [...]** Salvador: ENECULT, 2019. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111688.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2020.

PAULA, Juliana Araujo de. Bloco Afro Ilê-Aiyê: uma história de luta antirracista. 2021. In: Caminhos da História Universidade Estadual de Montes Claros, Brasil ISSN: 1517-3771 ISSN-e: 2317-0875 Periodicidade: Semestral vol. 26, núm. 1, 2021. Disponível: <http://portal.amelica.org/ameli/jatsRepo/507/5072336007/5072336007.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2022.

PAVÃO, Fábio. A Velha Guarda como sentinela: festa, memória e sociabilidade nas “comunidades” da Portela. In: **Memórias, territórios, identidades**: diálogos entre gerações na região da Grande Madureira. Rio de Janeiro : Mórula, 2019. Disponível em: <https://morula.com.br/produto/memorias-territorios-identidades-dialogos-entre-geracoes-na-regiao-da-grande-madureira/>. Acesso em: 05 abr. 2021.

PEREIRA, Neusa Maria. Nasce o Movimento Negro Unificado: um salto de qualidade no tempo e na história. In: **Movimento Negro Unificado a resistência nas ruas**. São Paulo: SESC: Fundação Perseu Abramo, 2020.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, 1989, vol. 2, n. 03, p. 03-15.

PRATS, Llorenç. **El concepto de patrimonio cultural**: política y sociedad. Madrid: Universidad de Barcelona, 1998.

RAMOS, Leila Martins. O papel da tradição oral na constituição do patrimônio cultural e na formação de identidades de comunidades quilombolas no Brasil. In: **Encontro Nacional de História Oral**, 09, 2008, São Leopoldo. Anais do IX Encontro Nacional de História Oral. São Leopoldo, RS: Oikos, 2008.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 9, nº 17, 1996, p.85-91.

SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro: ed. OPA, 2003.

SANTOS, Henrique Machado dos; FLORES, Daniel. Documentos digitais: considerações sobre os impactos das tecnologias da informação frente a preservação digital. **Vivências**. Vol. 11, n. 21, p. 55-60, outubro/2015. Disponível em: [http://www2.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero\\_021/artigos/pdf/Artigo\\_06.pdf](http://www2.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_021/artigos/pdf/Artigo_06.pdf). Acesso em: 19 fev. 2023.

SANTOS, Joel Rufino. Movimento negro e crise brasileira. In: SANTOS, Joel Rufino; BARBOSA, Wilson do Nascimento. **Atrás do muro da noite**: dinâmica das culturas afrobrasileiras. Brasília: Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 1994.

SANTOS, Márcio André de Oliveira dos Santos. **Movimentos negros e lutas antirracistas no Brasil e Colômbia**. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 - 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Alexandra Werneck da; ACHILLES, Daniele; AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. Patrimônio bibliográfico brasileiro: um estudo sobre o acervo da biblioteca do Arquivo Nacional. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, [S. l.], v. 25, n. Especial, p. 01-18, 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/202291978/Downloads/73903-Texto%20do%20Artigo-283464-1-10-20201118%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/202291978/Downloads/73903-Texto%20do%20Artigo-283464-1-10-20201118%20(1).pdf). Acesso em: 20 ago. 2022.

SILVA JUNIOR, Josemar Elias da; OLIVEIRA, Ana Lúcia Tavares de. Patrimônio Cultural, Identidade e Memória Social: suas interfaces com a sociedade. **Ciência da**

**Informação em Revista**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 3–10, 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/3775>. Acesso em: 08 fev. 2023.

SOUZA, Neusa. **Torna-se negro as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2. Ed. Rio de Janeiro, edições Graal, 1983.

VAN HAANDEL, J. C. As ações e implicações da emergência dos bailes soul na periferia do Rio de Janeiro e no mercado do disco durante a década de 1970. **Policromias** – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 107-130, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/207584>. Acesso em: 20 jan. 2023.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: **História Geral da África**. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, v.1, 1982.

YAZIGI, Eduardo. **Civilização Urbana, Planejamento e Turismo: discípulos do amanhecer**. São Paulo: Contexto, 2003.

## **TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO, DISSERTAÇÕES E TESES**

ARBACHE, Ana Paula Ribeiro Bastos. **A política de cotas raciais na universidade pública brasileira: um desafio ético**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/9883/1/Tese%20Ana%20Paula%20R%20B%20Arbache.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.

CARNEIRO, Tatiana. **Mulheres negras professoras doutoras inseridas nos cursos de Pós-graduação em Educação e Relações Raciais: um olhar sobre o racismo institucional**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/5824/2/2019%20-%20Tatiane%20da%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20Carneiro.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

CHAO, Adelaide Cristina Rocha de la Torre. **Comunicação e Cultura: a Feira das Yabás**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: [https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/9034/1/Disset\\_Adelaide%20Cristina%20Rocha%20de%20la%20Torre%20Chao.pdf](https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/9034/1/Disset_Adelaide%20Cristina%20Rocha%20de%20la%20Torre%20Chao.pdf). Acesso em: 05 abr. 2022.

COSTA, Márcia Barros da. **Que práticas são essas? Um olhar para as atividades teatrais dos agentes de combate de endemias na Baixada Fluminense, RJ**. Dissertação

(Mestrado em Educação Profissional em Saúde) - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2015. Dissertação. [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/iciict/12900/Marcia\\_Costa\\_EPSJV\\_Mestrado\\_2015.pdf;jsessionid=A9C5516AB042742372BAB5F981399504?sequence=2](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/iciict/12900/Marcia_Costa_EPSJV_Mestrado_2015.pdf;jsessionid=A9C5516AB042742372BAB5F981399504?sequence=2). Acesso em: 10 dez. 2022.

GOMES, Ana Cristina da Costa. **A Lei 10.639/03 na formação inicial de professores do curso de Letras-Literatura negra brasileira e africanas: sai o cânone, entra a de(s)colonização.** 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. <http://www.unirio.br/ppgedu/backup/1f4c1produtos/DissertaoPPGEduAnaCristinadaCostaGomes.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2022.

HONORATO, Mayra da Cruz. **Racismo, saúde mental e território: percepções e vivências de lideranças do Movimento Negro de Nova Iguaçu,** Rio de Janeiro. 2020. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020. [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/iciict/46192/mayra\\_cruz\\_honorato\\_ensp\\_mest\\_2020.pdf?sequence=2&isAllowed=y](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/iciict/46192/mayra_cruz_honorato_ensp_mest_2020.pdf?sequence=2&isAllowed=y). Acesso em: 05 abr. 2022.

LOUVAIN, Pedro. **Preservação do patrimônio cultural científico e tecnológico brasileiro: identificação, análise, avaliação e estudo de bens tombados.** 2015. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11998/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Pedro%20Louvain%20-%20P%C3%B3s%20Banca.pdf?sequence=1>. Acesso em: 09 fev. 2023.

MACHADO, Elielma Ayres. **Mulheres negritude: uma análise do Bloco Afro Agbara Dudu.** 1992. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1992.

MIRANDA, Mônica Regina. **Uma análise das noções e das práticas interseccionadas no movimento de mulheres negras afro cariocas.** 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação na área de Antropologia, da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/25526/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20M%C3%B4nica%20-%20Formata%C3%A7%C3%A3o%20conclu%C3%ADa%20%281%29%20-%20Monica%20Miranda.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 dez. 2022.

OLIVEIRA, Iasmin Sobral Lins de ; SANTOS, Valdneide Benvindo E. Santo dos. **Outra face: a Noite da Beleza do Ilê Aiyê memorial descritivo do processo concepção da obra.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/28595/1/Memorial%20-%20Iasmin%20e%20Val%20-%20Finalizado.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.

PAIXÃO, Tulane Oliveira da. **A comunidade como elo restaurador dos efeitos do racismo**: reflexões a partir da vivência de uma mulher negra no bairro de Oswaldo Cruz na cidade do Rio de Janeiro. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: [http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2022/10/2022\\_d\\_Tulane\\_Oliveira\\_da\\_Paixao.pdf](http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2022/10/2022_d_Tulane_Oliveira_da_Paixao.pdf). Acesso em: 10 dez. 2022.

SANTOS, Luane Bento dos. **“Trancista não é cabeleireira!”**: identidade de trabalho, raça e gênero em salões de beleza afro no Rio de Janeiro. 2022. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/60705/60705.PDF>. Acesso em: 20 dez. 2022.

SANTOS, Luiz Paulo Oliveira dos. **“Não me chame de moreno, eu sou negão”**: uma análise do discurso autorreferente do bloco afro-baiano Ilê Aiyê. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) - Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2019. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/jspui/bitstream/riufal/6760/1/%E2%80%99CN%C3%A3o%20me%20chame%20de%20moreno%2C%20eu%20sou%20neg%C3%A3o%E2%80%99D%3A%20uma%20an%C3%A1lise%20do%20discurso%20autorreferente%20do%20bloco%20afro-baiano%20II%C3%AA%20Aiy%C3%AA.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. **Feminismo negro e epistemologia social**: trajetórias de vida de pesquisadoras negras em biblioteconomia e ciência da informação. 2020. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Tese. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1166/1/Tese-Doutorado-Leyde-2020-vers%C3%A3o-bdtd%20%281%29.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.

SILVA, Pâmela Guimarães da. **De Lélia Gonzalez a Marielle Franco**: mulheres negras e seus processos comunicacionais interseccionais de resistência. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/40832>. Acesso em: 05 abr. 2022.

SILVA, Simone Francisco da. **Diagnóstico arquivístico**: incursões teórico-metodológica. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquivologia) - Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2014. Disponível em:

[www.ccsa.ufpb.br/arqv/contents/documentos/089SimoneFranciscodaSilva.pdf](http://www.ccsa.ufpb.br/arqv/contents/documentos/089SimoneFranciscodaSilva.pdf) Acesso em: 17 fev. 2023.

SOUZA, Bianca Toscano de. **A hipersexualização da juventude negra: racismo, construção de afetos e subjetividades.** 2021. Dissertação (Mestrado) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em:

[https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/173\\_Bianca%20Toscano%20de%20Souza.pdf](https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/173_Bianca%20Toscano%20de%20Souza.pdf). Acesso em: 05 abr. 2022.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. **Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970 – 1990.** 2006. Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: p. <http://objdig.ufrj.br/34/teses/ElizabethDoEspiritoSantoViana.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.



## ANEXOS

### **ANEXO 01 - QUESTIONÁRIO UTILIZADO PARA SUBSIDIAR A PROPOSTA DO PLANO DE GESTÃO**

Essa pesquisa faz parte do projeto de dissertação, onde pretende-se mapear, identificar e descrever as potencialidades estratégicas do Grupo Afro Agbara Dudu na luta contra o racismo.

\*Obrigatório

1 Nome do entrevistado

2 Função/cargo \*

3 Idade \*

4 Sexo \* Marcar apenas uma oval.

Masculino

Feminino

Outros

5 Tem filhos?\*Marcar apenas uma oval.

Não possui

Sim, 1

Sim, 2

Sim, 3 ou mais

6 Escolaridade\* Marcar apenas uma oval.

Fundamental incompleto

Fundamental completo

Ensino médio incompleto

Ensino médio completo

Superior incompleto

Superior completo

Mestrado/doutorando incompleto

Mestrado/doutorado completo

Especialização incompleto

Especialização completo

7 Ocupação profissional

8 Qual a sua cor ou raça? \* Marcar apenas uma oval.

Outro:

Amarela

Preta

Pardo

Branca

Indígena

Prefiro não me classificar

9 Bairro onde reside

10 Como conheceu o Grupo Afro Agbara Dudu\*

11 Qual(is) atividade(s) desenvolve no Grupo?\*

12 Quanto tempo faz parte do Grupo Afro Agbara Dudu? \*

13 Alguma lembrança marcante do Grupo Afro Agbara Dudu? \*

## **ANEXO 02 - ATA REUNIÃO SOBRE O GRUPO AFRO AGBARA DUDU - INEPAC**

ATA REUNIÃO SOBRE O GRUPO AFRO AGBARA DUDU, elaborada por Izani Paes Saldanha, no dia 04 de janeiro de 2022, às 10h09 da manhã, com os membros do INEPAC Leon Araújo e Bruno Barcellos de Andrade, em formato remoto utilizando a ferramenta meet e gravada.

A reunião realizada no dia 04 de janeiro de 2022, com os representantes do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) Bruno Barcellos de Andrade e Leon Araújo surgiu do pedido de informações e esclarecimentos pela pesquisadora Izani Saldanha discente no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Preservação e Gestão do Patrimônio das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, sobre o registro do Grupo Afro Agbara Dudu como bem de natureza imaterial do Rio de Janeiro junto ao INEPAC,

No primeiro momento a pesquisadora falou sobre sua pesquisa de dissertação no Programa de Pós-Graduação, os motivos que a levaram ao Grupo Afro Agbara Dudu, e as dúvidas que surgiram no decorrer de seus levantamentos para a pesquisa.

Leon Araújo, explica que o termo registro no INEPAC significa processo administrativo aberto dentro do Instituto, em qualquer órgão de gestão do patrimônio, mas também é um processo de mobilização social, ou seja, “ao dizer que estamos abrindo um processo de registro, está-se abrindo um processo de mobilização social, diferentemente, de documentação como um texto num dossiê que pode ser localizado em artigos e ou em bibliotecas”.

O processo de registro é um processo de documentação, identificação ( quem são os agentes envolvidos, onde estão, quais são as suas dificuldades, suas histórias), e mobilizá-los para que tendo o processo de registro concluído, e a prática cultural registrada e certificada como patrimônio cultural inscrita em

um dos livros de registros, que estes agentes detentores estejam mobilizados a ponto de serem atores políticos em busca da garantia de direitos conquistados através do processo de registro que é a certificação.

A prática cultural é documentada para que no futuro exista arcabolo de informação para que seja suficiente para traçar políticas públicas efetivas de proteção do bem, onde todas as dificuldades pelos grupos sejam registradas em busca de soluções.

O processo de registro também é um diálogo, um convite, para que as comunidades se articulem para que tenham subsídios para cobrar através desses instrumentos as diversas esferas do Estado.

Leon cita que, existe atualmente um pedido de registro de blocos afro e afoxés do Rio de Janeiro, feito por uma associação do município de São Gonçalo (RJ) para um afoxé chamado Ara Omim que é vinculado ao Terreiro de Mãe Márcia de Oxum, onde foi feita uma parceria através do termo de cooperação técnica com o Terreiro, para que juntos fosse feita a pesquisa, de todos os blocos afro e afoxés que serão contemplados pelo reconhecimento da prática cultural. Assim, ao se analisar o cenário cultural, será possível preservar através do coletivo esse bem.

O Grupo Afro Agbara Dudu foi citado pelos blocos afro como sendo o mais antigo bloco no Rio de Janeiro, através das pesquisas e entrevistas, assim o INEPAC chegou ao contato do presidente do Bloco Elias para entrevista.

Atualmente estão sendo montando as fichas do inventário com informações dos grupos, tabelas contendo os dados de contato, localização, as histórias contadas pelos grupos.

A metodologia do processo de registro foi publicada apenas em 2018, no DOU SECEC 176 de 03 de novembro de 2018 e somente após publicação que se iniciou o processo de registro seguindo essa metodologia, estando o processo na fase de relatório da pesquisa.

Os blocos e afoxés serão incluídos no livro de registro “Formas de expressão”. Comumente os registros possuem seus nomes abrangentes, por exemplo, as Baianas de Acarajé, ou seja, Ofício das Baianas de Acarajés.

Como o registro é amplo, envolve todos os grupos, independente do tempo e espaço. Como forma de planejamento o INEPAC delimitou um período de pesquisa e a partir do recorte dos grupos mobilizado e de acordo com as novas necessidades surgidas, novos blocos e afoxés foram contactados, conforma a importância destacada na pesquisa, que foi o caso do Grupo Afro Agbara Dudu onde posteriormente foi realizado o convite pelo INEPAC ao bloco.

Todos os blocos e afoxés contactados ou não, serão contemplados em potenciais benefícios pelo Estado.

O processo de registro precisa ser revalidado a cada 10 anos, onde são reavaliados, se as dificuldades identificadas inicialmente foram solucionadas, quais as diretrizes de salvaguarda foram ou serão utilizadas, de acordo com o tempo e espaço.

Caso o bem deixe de constar no livro, ficará registrado como “in memória” ou seja, a prática não existe mais, e esse patrimônio deixou de ser vivo e as políticas de preservação foram encerradas. Até o momento não existe nenhum caso, mas é previsto nas normas que regem as políticas públicas.

Para cada bem registrado, na formação do comitê haverá a definição de um plano de salvaguarda, com ações previstas, pactuadas e metas, porém como ainda não há bens registrados, não existem planos elaborados. Existem apenas algumas ações de preservação de algumas práticas culturais que o INEPAC atende, dando auxílio sem planejamento prévio.

O Departamento de Patrimônio Imaterial, oriundo da Divisão de Folclore -criada em 1985 e extinto na última década - ainda não existe de fato no organograma do INEPAC nem da Secretaria, porém como a divisão de Folclore possuía uma interlocução com diversos grupos culturais, o Departamento continua executando as atividades, com ações espessadas sem cronograma e planejamento prévio.

As etapas da solicitação do processo de registro até o encerramento estão descrito na resolução SECEC 176 de 03 de novembro de 2021.

O INEPAC não possui mapeamento de quilombos urbanos no Rio de Janeiro e recomenda-se consultar a Fundação Cultural Palmares, na lista do

Estado do que já foi identificado - não necessariamente que foi certificado pelo INCA-, porque não fazem diferença se é urbano ou rural na lista disponibilizada na Fundação Cultural Palmares.

Ficou combinado que ao finalizar a dissertação, será enviado uma cópia para compor o acervo do INEPAC.